Na região da Zambézia, nas serras da Maganja, há uma espécie muito semelhante, a *Uapaca Kirkiana* Müll. Arg., que, segundo o dr. Kirk, chamam ali *masuco*.

PURGUEIRA dos colonos, MUPULÚCA dos pretos de Angola. — *Jatropha Curcas* L. Sp. Pl. II, 1006. Müll. Arg. in DC. *Prodr.* XV, sect II, 1080.

Os Franceses chamam à semente desta planta *gros pignons d'Inde e graines de médicinier;* os ingleses, *physic nut;* nós, *semente de purgueira;* no Brasil, *pinhão de purga;* e em Moçambique, segundo o dr. Peters, *grão de maluco* e *sassi.* A maior parte destes nomes derivam das suas propriedades drásticas. Em algumas regiões intertropicais são ainda hoje empregadas estas sementes como medicamento, porém na Europa estão, creio, completamente abandonadas, por serem perigosas e demasiado enérgicas. É curiosa a circunstância de os Negros de Angola empregarem como purgante, não as sementes, mas o suco desta planta, na dose de 5 a 10 gotas. Diz-se que em Cabo Verde as mulheres usam tomar uma decocção das folhas para activarem a secreção do leite. Na Europa, o azeite de purgueira é empregado em diversos usos industriais geralmente conhecidos.

Esta espécie é de origem americana mas está hoje em cultura mais ou menos frequente em muitos países do globo. Cultiva-se em diversas partes de Angola, por exemplo, no Golungo Alto, crescendo espontânea em volta das senzalas e encontra-se também cultivada, e mais ou menos naturalizada, na província de Moçambique, em Sena e em Tete, segundo o dr. Peters e outros. A possessão portuguesa onde esta cultura é mais geral e mais importante, é o arquipélago de Cabo Verde, onde a semente de purgueira constitui o principal artigo de exportação (1).

---

(1) De um documento oficial *(Relatorios os governadores de Cabo Verde, etc.,* referidos ao ano de 1880), se vê que no ano económico de 1879-1880 saíram de todo o arquipélago 5.361.588 quilogramas de semente de purgueira, no valor de 143. 888$542 réis, isto é, quase metade do valor total dos produtos exportados, que foi de 297.000$000 réis pròximamente. É principalmente na ilha de S. Tiago que esta cultura se tem desenvolvido, sendo a exportação, só desta ilha, de 4.789.920 quilogramas, no valor de 128.040$195 réis. O resto saíu das ilhas do Fogo, Brava e S. Nicolau. Vê-se também com prazer no citado relatório, que o governador, o sr. Pereira Sampaio, havia conseguido, no ano a que se refere, dar um notável impulso a esta cultura, fazendo plantar muitas estacas e lançar à terra boa porção de sementes.

Embora em menor quantidade ainda Cabo Verde exporta muita pur-

Outra espécie deste género, a *Jatropha multifida* L., é cultivada em Moçâmedes, porém, não é frequente.

MUBANGO. — *Croton Mubango* Müll. Arg. in *Seeman Journ. of Bot.* II, 338 et in DC. *Prodr.* XV, sect. II, 514.

Uma pequena árvore de 12 a 20 pés de altura, muito elegante e vistosa, pois tem as páginas das folhas de cores diversas. Encontra-se pelas margens das florestas densas do Golungo Alto, Ambaca e Pungo Andongo. A casca é empregada pelos indígenas, só ou misturada com o *mundondo* — *Chlorocodon Whiteii* Hook. f. — em cozimentos que possuem propriedades levemente purgantes. Dos troncos exsuda uma resina, que os pretos recolhem, mas de que Welwitsch não pôde averiguar bem o emprego.

Também chamam *mubango* de Cambondo ao *Croton oxypetalus* Müll. Arg., do sítio de Cambondo, e *mubango ia muchito* ao *Croton pyrifolius* Müll. Arg., das matas densas do Golungo Alto, por exemplo das que rodeiam a fonte de Capopa.

MUNGUELA. — *Ricinodendron africanum* Müll. Arg. in Flora 1864, 533 et in DC. *Prodr.* l. c. 1111.

Uma árvore mediana, chegando a 30 pés, tronco recto, sem ramos na parte inferior, ramos potentes e folhas grandes digitadas, o que lhe dá um porte particular, semelhante ao da *Carica*. Habita nos distritos de Cazengo e Golungo Alto. A sua madeira é branca e leve como a madeira das tílias.

MANDIOCA. — *Manihot esculenta* Crantz, Inst. Rei Herb., I, 167; *M. utilissima* Pohl.; Müll. Arg. in DC. *Prodr.* l. c. 1064.

Todos os exemplares que temos no herbário pertencem a esta espécie; igualmente lhe pertencem as plantas observadas por Grant na região oriental, e parece ser a única espalhada pela África. Existiu a idéia de que as plantas, tendo raizes inofensivas — isto é, que podem ser comidas cruas e sem preparação — pertenciam todas a uma espécie diversa, a *Manihot aipi* Pohl., porém, o dr. J. Müller de Argóvia, que estudou cuidadosamente esta questão, diz, que

---

gueira. A média anual deste produto, de 1935 a 1943 foi de 1.555.174 Kg. com o rendimento médio, durante o mesmo período de 868 contos. A exportação da Guiné é pequena: 52.616 Kg. de média anual de 1935 a 1943, com o valor de 25 contos.

mesmo dentro da espécie *Manihot esculenta* algumas plantas têm raizes venenosas e outras raizes inofensivas.

Em Angola, segundo Welwitsch e outros, abundam as variedades inofensivas e a mandioca é muitas vezes comida crua e fresca, tal qual se tira da terra, sem que daí resulte inconveniente; mas não sucede o mesmo em toda a África. O coronel Grant observa que nas terras para o interior de Zanzibar os indígenas distinguem as variedades que se podem comer cruas, de outras que convém primeiro preparar. No reino do Cazembe, ou Lunda, abunda sobretudo a mandioca venenosa, segundo resulta das observações feitas no século passado pelo dr. Lacerda (*Lands of Cazembe,* 101) e posteriormente pelo major Gamito (*Muata Cazembe,* 358). O dr. Schweinfurth cita o caso de um dos seus carregadores de raça Bongo, que morreu por ter comido mandioca crua no país dos Niam-niam, não tendo sabido distinguir a boa da má qualidade, o que sabem fazer os naturais da terra.

O certo é que, mesmo nas regiões onde a mandioca é geralmente inofensiva, os indígenas a consomem de preferência depois de haver sofrido variadas preparações. O modo de a preparar na América, obtendo diversos produtos, desde a *farinha de pau* grosseira até à *tapioca* fina, é bastante conhecido, e não nos demoraremos em o descrever; mas devemos dar algumas indicações sobre os processos de cultura e preparação empregados pelos Africanos.

A *Manihot* é geralmente propagada por estacas, plantadas no princípio da estação das chuvas, depois de se ter dado ao solo um amanho sucinto e grosseiro. Estas estacas pegam fàcilmente e o crescimento das plantas é rápido. Ao cabo de oito ou nove meses, as raizes estão capazes de serem comidas e são muitas vezes arrancadas, sucedendo haver escassez de alimento; mas não atingem o seu desenvolvimento completo senão em dezasseis ou dezoito meses. Tiradas então da terra, podem ser comidas cruas e frescas, se pertencem às variedades inofensivas, mas têm de ser preparadas no caso contrário. Em geral, tanto umas como outras, sofrem os seguintes preparos:

As raizes peladas, cortadas em bocados, e simplesmente secas ao sol, constituem o que se chama *bala,* que os Negros comem assado.

Usam também pôr as raizes de molho durante quatro ou cinco dias, preferindo para isso água corrente. Experimentam então uma espécie de fermentação, que ataca as partes azotadas e destrói os princípios venenosos que podem conter sem alterar a fécula; mas adquirem ao mesmo tempo um gosto ácido e desagradável. Secas depois ao sol, tornam-se brancas e perdem em parte o mau gosto

que haviam adquirido constituindo então o chamado *bombó,* que também se pode comer assim seco ou assado.

Mais geralmente, porém, as Negras desfazem o *bombó* em almofarizes de pau, e, peneirando-o em cestos ou peneiras, de *subi,* obtêm a *fuba* ou farinha.

Da *fuba* preparam o *infundi,* lançando-a a pouco e pouco em um vaso de barro contendo água a ferver. Depois de arredado o vaso do lume as Negras mexem esta mistura vigorosamente, com um pau, até que tome a consistência de papas gomosas e brandas, tirando depois bocados, que vão lançando em um cesto ou *quinda,* contendo *fuba* seca, dando-lhe a forma de pequenos pães achatados. Esses pães comem os Negros com carne ou peixe salgado, nas ocasiões felizes, ou simplesmente com ervas temperadas com azeite de palma ou *jinguba* e o constante pimento.

Às vezes a mandioca, depois de estar de molho, como para a preparação do *bombó,* é pisada, assim mesmo molhada, e reduzida a uma massa homogénea, da qual as Negras fazem pães compridos, que enrolam em folhas diversas, — especialmente nas do *Phrynium ramosissimum*—, cozem no vapor, em vasos fechados, e secam depois ao sol. Neste estado constitue a *quiquanga,* que se pode conservar durante muito tempo e ser transportada para longe.

Estes modos de preparação são genuinamente africanos e usados com pequenas variantes em diversas partes. Monteiro observou-os no Ambriz e no Congo, e Capelo e Ivens nas terras do interior, em Cassange. O processo empregado nas terras do Cazembe, descrito por Lacerda e por Gamito, é semelhante, se bem que um pouco diverso. Ali chamam *buàli* às papas feitas de farinha de mandioca, com a qual misturam também farinha de gramíneas diversas — *Sorghum* e *Eleusine*. Em S. Tomé, segundo Lopes de Lima, as papas semelhantes ao *infundi* de Angola, são conhecidas pelo nome brasileiro de *angú.*

Em Luanda, Moçâmedes e em geral nas povoações onde habitam negociantes familiarizados com os hábitos brasileiros, a preparação varia e assemelha-se à usada na América. As raízes, depois de peladas, são raspadas em um ralador e a massa, assim obtida, é espremida em uma prensa mais ou menos grosseira para lhe extrair a maior quantidade possível de suco, sendo depois seca sobre lâminas de ferro ou cobre, aquecidas a fogo brando, ou quando falta este aparelho, já mais civilizado, simplesmente em um tacho. Depois de bem seca constitue a chamada *farinha de pau,* da qual, cozida e adubada por diversos modos, se faz o *pirão,* ou então humedecida com água fria e temperada com azeite, vinagre, sal e pimenta, se prepara a *farófia.*

Os Negros empregam também a *fuba* na fabricação das bebidas fermentadas, sobre as quais darei algumas indicações quando tratar do sorgo e do milho.

Não é a porção subterrânea da planta a sua única parte alimentar, porque os Negros comem também as folhas e caules novos ou grelos da mandioca, cozidos em água e temperados com azeite de palma ou jinguba. Chamam a estes grelos da mandioca *qui-saca,* e aos grelos da abóbora, que igualmente comem, *mu-enguelecas.*

A *Manihot esculenta,* hoje tão comum nas terras africanas, não é indígena dali: é uma planta americana introduzida na África e na Ásia depois de descoberto o Novo Mundo. Tal foi a opinião de Roberto Brown, partilhada por Humboldt e reforçada modernamente com provas numerosas por A. de Candolle (*Origine des pl. cult.,* 39). A essas provas podemos acrescentar o silêncio significativo de alguns velhos autores portugueses. Almada não menciona a cultura da mandioca na Guiné, e por certo a não omitiria se ali existisse no seu tempo. Duarte Lopes, na relação de Pigafetta, não fala da existência da mandioca no Congo, dando aliás interessantíssimas notícias sobre a introdução recente de algumas gramíneas. Isto prova que, se a planta já existia então em cultura, não era por certo esta vulgar e importante como hoje é. O padre João dos Santos, muito miúdo na enumeração dos produtos vegetais, não a menciona na África oriental, por onde se vê que ali não era conhecida. É de notar que tanto Almada, como Duarte Lopes e fr. João dos Santos se referem ao que observaram nos fins do século XVI, muitos anos depois de ter sido descoberta a América e conhecida a mandioca, donde resulta que a cultura da nova planta americana, se não introduziu, ou pelo menos se não generalizou desde logo na África. Pelo contrário, Guilherme Piso, falando da mandioca do Brasil, diz que também a havia na Hispaníola e em Angola (*Hist. nat. Braziliæ,* 52), mas este autor escrevia no correr do século XVII, quando a planta já ali havia sido introduzida. Parece-me poder-se concluir da comparação destes textos, que a planta foi levada para a África e cultivada primeiramente em Angola, no fim do século XVI ou logo no princípio do seguinte (1).

Devo agora dizer que uma das razões aduzidas pelo sr. A. de Candolle para considerar a planta estranha à África — a de não ter

---

(1) Com este silêncio dos nossos escritores, que no século XVI se ocuparam das coisas africanas, contrasta a larga notícia dada por Gabriel Soares de Sousa, seu contemporâneo, o qual, tratando das coisas do Brasil,

ali nomes vulgares — não é absolutamente exacta. É verdade que o nome mais conhecido é de origem brasileira, pois no Brasil chamavam à planta *mandiiba* e à raiz *mandioca,* nome que foi adoptado pelos Portugueses e, em parte, pelos pretos, como os Espanhóis adoptaram o nome de *yuca* e os Ingleses o de *cassava,* todos de origem americana. Ao lado destes nomes importados, há, porém, alguns que julgo genuinamente africanos. Em língua ambunda chama-se *quirincu,* plural *irincu;* no Quico, *mucamba;* em dialecto caluiana, falado no Baroze, *macamba;* na Lunda, *candinga,* em quisuaeli, *mohogo.* Este facto, porém, não infirma por modo algum as razões valiosas que há para aceitar a origem americana. Os nomes, talvez derivados de propriedades da planta, são sem dúvida de invenção moderna.

Quanto ao modo de introdução, é bem fácil de explicar pela intervenção dos Portugueses. Estes frequentaram o Brasil desde o começo do século XVI, e encontraram ali a planta em cultura muito geral. Por outro lado visitavam a Guiné superior, mantinham relações seguidas com o Congo e em volta de Luanda adquiriram possessões importantes depois das conquistas de Paulo Dias de Novais. Também a podiam introduzir na costa oriental, com a qual tinham frequente contacto, desde Sofala até Melinde. É certo, porém, que a distribuição actual da cultura e a marcha que parece ter seguido, indicam antes uma introdução pela costa ocidental e, provàvelmente, por Angola.

Admitindo que essa introdução tivesse lugar pelos fins do século XVI ou princípios do seguinte, não é difícil compreender como em pouco tempo a cultura se generalizou. Fornecendo uma alimentação abundante, posto que grosseira, adaptando-se perfeitamente ao clima, multiplicando-se com extrema facilidade e exigindo poucos cuidados de cultura — circunstâncias apreciadas pela preguiça natural dos Negros —, a *Manihot* reunia todas as condições para ser adoptada pelos Africanos. Daí resultou generalizar-se a sua cultura pelo litoral do ocidente até ao Senegal e penetrar ao mesmo tempo para o interior, caminhando de oeste para leste. Assim a

---

e mui particularmente das da Baía, conhecia perfeitamente a planta. Consagra nada menos que seis capítulos a explicar o que é a mandioca, quais são os seus usos, o modo por que se prepara, etc., e dedica um sétimo capítulo a tratar dos aipinis — *M. aipi.* Este conhecimento que os Portugueses tinham da planta no Brasil, explica perfeitamente a razão por que a introduziram na África. Veja-se a *Noticia do Brazil,* cap. XXVII a XLIII, nas *Not. ultr.,* III, p. 141 e seguintes.

encontramos em abundância nas terras do Muata Ianvo, segundo refere Rodrigues Graça (*Annaes do Conselho Ultramarino,* 137), igualmente nas do Muata Cazembe, segundo diz Lacerda e depois Gamito, e também em volta do Tanganica e dali até Zanzibar. Ao norte do Equador encontra-se entre os Mombutu e os Abanga. Não se afasta, porém, consideràvelmente para um ou outro lado do Equador. No interior de Moçâmedes — povos da Huila e outros — não parece ser frequente. Entre as raças geralmente denominadas cafres, sem ser desconhecida, não é também de uso muito geral. Sebastião Botelho (*Memoria estatística,* etc., 198) faz notar que os povos de Sofala pouco a cultivam. O major Gamito, falando da agricultura dos Maraves, diz (p. 73) que a cultura da mandioca é insignificante, mas seguindo para o norte, na Lunda, já a menciona como frequente. No hemisfério boreal, o dr. Schweinfurth, peritíssimo observador, marca exactamente o seu limite norte, e mostra como esta e outras raizes feculentas, abundantes na bacia do Uele, cedem o passo às Gramíneas, que ocupam o principal lugar na alimentação dos habitantes da bacia média do Bar-el-Gazal. E diz expressamente que esta planta deve ter penetrado até esses povos do Uele, por via de Angola, e por intermédio das populações sujeitas ao Muata Ianvo, as quais com eles mantêm relações seguidas acrescentando que a *Manihot* ainda não penetrou nem até à Núbia, na direcção do Egipto, nem até à Abissínia, na direcção da Arábia.

Em resumo, tudo nos leva a crer que a sua introdução na África foi relativamente recente; que essa introdução deve ter sido feita pelo ocidente e, provàvelmente, por Angola; que dali a cultura penetrou de povo em povo pelo interior, não se afastando muito do Equador, e não tendo ainda hoje chegado a todas as regiões, onde o clima por certo se não opõe ao seu desenvolvimento.

Estas reflexões não se aplicam naturalmente às terras situadas na proximidade imediata do litoral, onde a introdução foi fácil e a cultura é mais ou menos geral, desde Moçâmedes até ao Senegal no ocidente, e em Zanzibar e terras próximas no oriente. (1).

---

(1) Nos anos de 1935 a 1939 Angola exportou em média 1.500 toneladas de mandioca (incluindo fuba); de 1940 a 1944, 540 toneladas em média, mas neste conjunto está excluída a fuba.

Em S. Tomé introduziram-se, como plantas produtoras de borracha, uma *Manihot,* — a *M. Glaziovü* Müller Arg. —, e uma *Hevea,* — a *H. guianensis* Aubl., também Enforbiácea, — oriundas da América tropical.

PAU BRANCO. — *Tetrorchidium didymostemon* (Baill.) Pax et K. Hoffm. in Pflanzenr. IV, 147. — *Hasskarlia didymostemon* Baill.; Müll. Arg. in DC. *Prodr.* XV, sect. II, 774.

Uma árvore de grandeza mediana, tendo madeira branca, como o seu nome vulgar indica. Habita na ilha de S. Tomé, onde lhe dão o nome citado, e encontra-se também nas florestas do Golungo Alto.

BUNCE. — *Alchornea cordifolia* (Schuhmach.) Müll. Arg. in *Linnœa* XXXIV, 160 et in DC. *Prodr.* XV, sect. II, 908.

Um arbusto de 8 a 12 pés de altura, vistoso, tendo grandes folhas, das matas do Golungo Alto. Os Negros servem-se de uma preparação desta planta para tingir de preto azulado.

Encontra-se também em S. Tomé, onde lhe chamam *bengue* e *bungi-bungi*. Deve ser esta a planta a que alguns escritores se referem, com o nome de anil bravo (1).

DIBALA. — *Macaranga angolensis* Müll. Arg. in DC. *Prodr.* XV, sect. II 994.

Um pequeno arbusto, às vezes trepador, de grandes folhas, que habita no Golungo Alto.

BAFUREIRA. — *Ricinus communis* L., Sp. Pl. II, 1007.

Há numerosas variedades desta planta, hoje espalhada por quase

---

(1) Assim como deve ser uma planta tintorial, a que Almada se refere detidamente. Diz ele, falando do rio de Nuno: «O principal resgate deste rio são tintas, não como as da Costa de que tratámos no 1.º capítulo, que se fazem do mesmo de que se faz o verdadeiro anil: estas d'este Rio são differentes, porque são árvores como hera, e vão trepando pelas outras árvores, e têm as folhas largas. E os Negros, no tempo, apanhão estas folhas e as pisam, e fazem uns pães como de assucar, assim grandes, enfolhados com a folha de cabopa (?), e vem os nossos navios carregarem-se d'estas tintas, que é um grande trato para o Rio de S. Domingos. E já nos outros annos, governando a Rainha Catharina, que Deus haja, se mandou carregar e trazer á cidade de Lisboa uma caravella d'estas tintas, para as experimentarem, e se levou a Cadis parte da tinta. Não sei de que modo a acharão...» *Tratado breve*, etc., p. 70.

Como se vê, Almada distingue perfeitamente a planta do *verdadeiro anil*, e diz que tinha as folhas largas e era trepadeira. A *Alchornea cordifolia* é frequente na Senegâmbia, e tem as folhas grandes, largas e cordadas; quanto ao seu porte, diz Welwitsch: *arbuscula nunc stans, nunc sarmentis longis virgatis subscandens*. Creio, pois, que a planta de Almada era esta, reparando sobretudo em que os Negros de Angola e de S. Tomé — e provàvelmente os da Senegâmbia — ainda tiram dela uma tinta azul escura.

todas as regiões quentes e algumas temperadas do Globo, as quais se podem referir a uma só espécie.

As plantas que temos no herbário de Welwitsch pertencem às seguintes variedades estabelecidas por Müller Arg, in DC. Prod., XV, p. 1917 a 1020. Alguns exemplares de Luanda e de Moçâmedes à variedade — *benguellensis;* outros de Moçâmedes à variedade — *megalospermus,* forma *pruinosus;* outros de Luanda e Golungo Alto, à variedade — *genuinus,* forma *macrophyllus.*

Os Portugueses chamam a esta planta *carrapateiro,* nome que vem da semelhança da semente com um aracnídeo bem conhecido, vindo da mesma origem o nome latino *ricinus* e um dos nomes gregos *cróton.* Outro nome, usado não só em Portugal como em várias partes da Europa, é o de *palma Christi,* que talvez proceda do apreço em que eram tidas as suas qualidades medicinais. Quanto ao nome, vulgar entre nós, de *mamona* parece ligar-se aos nomes da África oriental, de *ambona,* nas terras portuguesas. e *mbono,* em Zanzibar.

Os Portugueses da África dão-lhe geralmente o nome de *bafureira* — escrito e pronunciado às vezes *bofareira* — se bem que este nome seja uma ou outra vez, e por falsa aplicação, dado à *purgueira.* Bafureira, tirada a terminação portuguesa *eira,* vem de um vocábulo africano *bafura* ou antes *mafura.* Ora, esta palavra, nas formas *mafura, mafuta, mafuda, mahuda* e outras, significa óleo em quase todos os dialectos africano-orientais. Bafureira, ou melhor *mafureira,* é pois simplesmente a planta do óleo. Pelo mesmo modo chamam na África oriental à *Trichilia emetica* — *mafura,* e ao *Sesamum indicum* — *mafuta.*

Esta espécie é talvez indígena na Índia, onde é bem conhecida desde remotas eras, tendo variados nomes sanscríticos, e é seguramente indígena e espontânea em vários pontos da África tropical, na Abissínia, no Senaar, e no Cordofão. Foi cultivado pelos Egípcios desde os tempos antigos, como já diz Heródoto que lhe dá o nome de *xixi;* e depois Teofrasto e Dioscórides que o chamam das duas formas. Era então o óleo extraído das suas sementes principalmente empregado para queimar nas lâmpadas, ou para aplicações medicinais externas.

O uso deste óleo, como purgante, data na Europa de uma época relativamente muito recente e nem foi geralmente conhecido dos antigos, nem é hoje familiar aos Negros da África. Pelo contrário, o uso externo, de que falam os livros gregos, é muito comum ainda hoje entre os povos africanos, para combater a sarna e outras doenças cutâneas. E, mesmo em perfeito estado de saúde, os Negros de várias tribos e afastadas regiões se untam com óleo de rícino, como hábito

higiénico e processo elegante de *toilette,* ou amassam, com este óleo, a argila e a serradura ou pó de diversas madeiras com que empastam as carapinhas. Este emprego de substâncias oleosas e gordurosas em unturas externas é uma necessidade higiénica, que resulta da exposição habitual da pele nua à acção directa do sol; mas no caso especial do óleo de rícino parece envolver também algumas ideias supersticiosas, pois os Negros julgam derivar do seu uso não só força e robustez, como também coragem.

As folhas do *Ricinus* têm também aplicações medicinais. Na África de leste — segundo diz Grant — é esse uso conhecido dos Negros do interior; e as folhas verdes, aquecidas e aplicadas sobre as pernas inchadas e ulceradas, formam um cáustico enérgico que supura durante alguns dias. Nas ilhas de Cabo Verde, os cozimentos da *bafureira* ou *palma Christi,* e as suas folhas cruas ou cozidas são aplicadas no tratamento de várias dores. Atribuem-lhe igualmente a propriedade de activar ou *determinar* a secreção do leite; para obterem este resultado, as mulheres banham repetidas vezes os peitos com o cozimento quente das folhas, a quem chamam *xêmâ* (1). Esta *xêmâ* é também empregada em banhos extremamente quentes, directos ou de vapor, que as mulheres usam tomar naquelas ilhas, depois do parto (2).

CASANÇÃO dos colonos, RISANZA dos Negros. — *Tragia cordifolia* Benth. in Hook. Nig. Fl., 501; Müll. Arg. in DC. *Prodr.* XV, sect. II, 944.

Uma planta herbácea, trepadora, do Golungo Alto. Os pêlos de que está revestida são enèrgicamente urticantes, causando uma impressão extremamente dolorosa, que pode persistir durante alguns dias.

---

(1) Como vimos antes, estas propriedades galactagogas são atribuídas por alguns à *purgueira,* mas mais geralmente e de um modo muito mais constante e definido ao *Ricinus*. Entre outros, o sr. Botelho da Costa, em uma notícia interessante sobre a ilha do Sal (publicada no *Bol. da Soc. de Geogr. de Lisboa,* 3.ª série, 669) refere-se detidamente ao uso da *xêmâ* e às suas supostas virtudes. Digo supostas, porque este escritor descrê da eficácia do medicamento. No entanto, o dr. Mac William observou esta aplicação e os seus efeitos, em 1850, e não parece pôr em dúvida a sua acção, se não para determinar a secreção do leite pelo menos para a activar.

(2) As médias anuais da exportação do rícino excedem para Moçambique 1.100 toneladas, para Angola 3.700 toneladas e para Cabo Verde 100 toneladas, no valor aproximado para as três colónias de 5.200 contos anuais. Moçambique exporta também bagaço de rícino, cerca de 150 toneladas anuais, em média.

LXXII

CELTIDACEAS

QUIBABA. — *Celtis Henriquesü* Engl. e C. *Soyauxü* Engl. in Notizb. K. Bot. Gart. Berlin III., 1900.

Vimos nas páginas precedentes que os Negros do Golungo Alto davam o nome de *quibaba* a duas árvores da família das Meliáceas, a *Khaya anthotheca* e a *Swietenia angolensis;* pois, sob este mesmo nome vulgar, nós encontramos no herbário duas Celtidáceas, que diferem profundamente daquelas espécies nos caracteres botânicos e nem mesmo lhes são muito semelhantes no aspecto.

A primeira destas *quibabas* tem no herbário o n.º 6.286. É uma árvore muito alta — 60, 80 ou mesmo 100 pés — mas pouco copada e um tanto esguia, tendo o tronco delgado, de um pé e meio, ou pouco mais, de diâmetro. A sua casca é branca acinzentada; as suas folhas são pequenas, serradas nos bordos, apiculadas, escabrosas, trinervadas na base, caducas no tempo da floração; os nossos exemplares não têm flores e apenas alguns frutos, pequeninos, enrugados e que devem ter sido um tanto carnosos. Esta árvore habita na região do Golungo Alto nas vertentes da serra de Queta; a sua madeira é de óptima qualidade.

A segunda árvore, designada com o mesmo nome vulgar de *quibaba,* tem no herbário o n.º 6.298. É uma árvore mais pequena que a precedente, tendo ramos erectos, casca esbranquiçada, marcada (nos pequenos ramos) de lentículas ou verrugas brancas, um pouco elevadas; folhas algum tanto grossas e rígidas (não coriáceas), trinervadas na base, de nervuras bem salientes na página inferior, grossa e irregularmente serradas, persistentes; flores... (não existem nos exemplares); drupas pequenas, um tanto carnosas, coroadas pelos ramos curvados do estilete. Habita nos montes de Queta e outros do Golungo Alto (1).

Creio que é esta a árvore mencionda na *Synopse* p. 12, sob o nome de *quibaba roxa* (2).

---

(1) Segundo Exell é uma das maiores árvores das florestas de S. Tomé, apenas excedida pela Funtumia africana. Nessa ilha tem os nomes vulgares de *capitango, pau de capitão* e *gromotu.*

(2) Em S. Tomé encontra-se a *Celtis Pranllü* Priemer ex Engl. Notizbl. — *C. Wightü* J. Henriques (non Planch.), Bol. Soc. Boot., X, p. 161, vulgarmente chamado *quaco branco,* e a *C. Durandü,* Engl., l. c., em vernáculo, *pau fede,* J. Henriques, Bol. Soc. Brot. XXVII, p. 184.

CABRA. — *Trema guineense* (Schumach.) Fic. 1.ª ed. — *Sponia affinis* Planchon. — *S. guineensis* Schum. Planch. in DC. *Prodr.* XVII, 197.

Temos no herbário um exemplar n.º 6.282, com a simples indicação do nome vulgar de *cabra* e da procedência de S. Tomé, sem mais nota. Refiro-o a esta espécie ùnicamente pela diagnose do *Prodromus,* com a qual me parece concordar.

A *cabra* de S. Tomé — segundo me consta por indicações de outra procedência — é uma árvore de medianas dimensões, cuja madeira é empregada em várias construções.

Várias outras espécies arborescentes do género *Trema* habitam nas florestas de Angola e produzem boa madeira.

LXXIII

CANABINÁCEAS

RIAMBA. — *Cannabis sativa* L. Sp. Pl. II, 1.027; A. DC. in DC. *Prodr.* XVI, sect. I, *30.*

Temos aqui mais uma planta, que na África se não pode considerar útil, antes nociva, e, no entanto, se deve contar no número das plantas *usuais:*

O *cânhamo* ou *linho cânhamo* é uma espécie bem conhecida, cultivada nas regiões quentes do Globo, como a Índia e a África tropical, e também nos climas temperados ou mesmo frios da Europa, desde a Rússia até às províncias montanhosas do norte de Portugal. Nestes climas é especialmente cultivada com o fim de obter os filamentos dos seus caules, empregados no fabrico de cordas e de tecidos, ou, ocasionalmente, o óleo contido nas suas sementes. Nas regiões quentes, a planta contém nos seus diversos órgãos uma secreção particular — que falta ou é pouco abundante nos climas mais frios — cujo efeito sobre a economia animal é muito enérgico. Daqui lhe vêm novos usos dietéticos ou terapêuticos (1).

---

(1) O efeito do *cânhamo* parece derivar da existência nas suas folhas ou caules novos de uma *resina* especial e de um *óleo volátil;* ou residir só no *óleo volátil,* no qual — segundo Personne — se poderiam separar dois corpos distintos, o *cannabene,* cuja fórmula é $C^{18}H^{20}$ e o *hydreto de cannabene,* da fórmula $C^{18}H^{22}$. O cânhamo emprega-se como medicamento soporífico, antiespasmódico, etc. Veja-se Flück. e Hanb., *Pharmac.,* 493, ou Wittstein, *Org. cont.,* 144, versão de von Mueller. É principalmente na Índia que se cultiva o *cânhamo,* empregado nas farmácias.

O cânhamo espontâneo habita uma vasta zona da Ásia temperada, que vai da bacia do Volga e proximidades do mar Cáspio, pela Pérsia e Cachemira até à China norte-ocidental.

Parece ter sido conhecido, aproveitado e mesmo cultivado pelo homem desde uma época remotíssima. Fundando-se em considerações linguísticas muito engenhosas, o sr. A. Pictet é levado a admitir que os Árias o conheciam antes de se dispersarem. Com efeito, os nomes da planta em várias línguas Indo-europeias são notàvelmente semelhantes, por exemplo, o sanscrítico *canapa* — um pouco hipotético —, o persa *canab,* o grego e latino *cannabis,* e o armoricano *canab;* omitindo muitos outros. Parte destas semelhanças não podem atribuir-se a comunicações que existissem entre uns e outros povos, posteriormente à sua separação e à transmissão do nome de umas para outras línguas, operada em períodos relativamente modernos, e devem portanto derivar da existência de um nome ariano anterior à dispersão de todos estes ramos. Esta hipótese é tanto mais plausível quanto o berço da raça ariana se pode colocar com boas e fundadas razões nesta parte da Ásia média, onde o cânhamo se encontra espontâneo. Adoptadas tais ideias deveríamos marcar, para o começo da cultura do cânhamo, um mínimo de talvez trinta séculos A. C. (1).

Deixando, porém, este campo conjectural, encontramos nos documentos históricos a prova de uma cultura antiga. Na obra chinesa de botânica, nititulada Rh-ya, e escrita pelo V século A. C., vem mencionado o cânhamo e apontada a distinção entre os indivíduos masculinos e os femininos. Nos escritos do médico indiano Susruta, discípulo de Characa, que se julgam compostos alguns séculos antes da nossa era, também se fala do cânhamo sob o nome de *bangá,* ao qual nos referiremos adiante. E relativamente às regiões mais ocidentais, Heródoto diz que a *cannabis* existia na Cítia, tanto espontânea como cultivada, que na Trácia fabricavam com os seus filamentos tecidos finos e bons, muito semelhantes aos de linho, e que os Citas tomavam fumigações das suas sementes, as quais lhes produziam uma excitação especial (2). Quer dizer que já então se conheciam os usos têxteis e intoxicantes da planta.

---

(1) Pode ver-se esta questão interessante, aqui apenas indicada, em Pictet, *Les origines Indo-européennes,* I, 313, ed. de 1859.

(2) Heródoto, Livro IV, cap. 74, onde principalmente indica os usos têxteis da planta; e cap. 75, onde mais especialmente descreve os curiosos banhos de vapor que tomavam os Citas e os seus efeitos.

Durante estes períodos mais antigos, os povos da África e vizinhos não conheceram a planta; não foi familiar nem aos Egípcios nem aos Hebreus. Os Árabes aprenderam o seu uso das nações com quem estiveram em contacto, talvez dos Persas, de quem provàvelmente tomaram um dos nomes de que usaram *canab* ou *quenab.* É deste nome que vem a antiga designação portuguesa que encontramos na forma *alcanavy* em um documento de Moncorvo de 1407, e se usou mais geralmente nas formas *alcânave* e *alcâneve* (1). Que a palavra veio do arábico e não das designações semelhantes que existiam nas línguas latina ou céltica, prova-se pelo facto de ter conservado aderente o artigo *al,* o que — com raríssimas excepções — sucedeu a todos os termos que do arábico passaram para o português popular. A palavra ariana *cânave* penetrou pois na nossa língua ariana, por um caminho semítico.

Os Árabes conheceram bem os efeitos excitantes do cânhamo e deram à sua preparação um nome que se tornou célebre — o de *haxixe.* Todos se lembram da história do Velho da Montanha e dos seus sectários, tão temidos no tempo das Cruzadas, nas regiões do Oriente. Para obter deles uma obediência cega, o Velho encerrava-os no seu paraíso, no meio de prazeres sensuais de toda a espécie, entre os quais figurava principalmente o uso do *haxixe;* daí, lhes veio o nome de Haxixin, de onde procede a palavra assassino das modernas línguas europeias. Sob esta forma lendária, que nos foi transmitida pelos historiadores das Cruzadas, e, pelas ingénuas relações dos viajantes da Idade Média, há um facto histórico perfeitamente conhecido. Os Haxixins era uma seita do Islamismo, os Ismaelitas, cujos grupos ou comunidades se achavam dispersos pelo Oriente, e obedeciam a um chefe chamado *Shaikh-ul-Jibal,* nome que os ocidentais traduziram por Velho da Montanha. Havia diversos centros ou chefes, um dos quais — o mais conhecido dos Cruzados — estava estabelecido na Síria. Mas o chefe supremo residia no norte da Pérsia. A dominação ou influência dos Ismaelitas só terminou quando, pelos anos de 1250 a 1260, um exército Mongol, sob o mando de Hulacu, invadiu a Pérsia e tomou as suas fortalezas, até então consideradas inexpugnáveis. Que os Ismaelitas usassem do *haxixe* é perfeitamente natural, pois esta substância era então de emprego habitual entre os Maometanos do Oriente.

---

(1) O padre Santa Rosa de Viterbo cita a palavra na forma *alcanavy* no *Elucidario;* Garcia da Orta emprega a forma *alcanave* nos *Colloquios,* e Ferreira a forma *alcaneve* na *Aulegrafia.* Falta no entanto esta palavra em parte dos nossos dicionários e nomeadamente nos *Vestígios da língua arábica.*

Do seu uso na Índia nos dá, tempos depois, o nosso Garcia da Orta a mais exacta, mais curiosa e mais circunstanciada notícia. Chama-lhe *bangue,* que é, de feito, o nome geral na Índia e deriva do sanscrítico *bangá.* Estabelece perfeitamente que não é *ópio* ou *anfião;* e diz depois que não é linho *alcânave,* pois a planta apresenta algumas diferenças e tem um efeito diverso. Engana-se nesta asserção, mas por motivos perfeitamente explicáveis (1). Termina o capítulo descrevendo admiràvelmente os seus efeitos e dizendo «...e o proveito que disto tiram é estar fora de si, como enlevados, sem nenhum cuidado e prazimenteiros, e alguns rir um riso parvo; e já ouvi a muitas mulheres que, quando iam ver algum homem, para estar com chocarrerias e graciosas o tomavam».

Sabendo nós as relações que existiam entre a Índia e a costa oriental da África, e sabendo que os intermediários nessas relações foram os Mouros, entre os quais o vício do *haxixe* ou *bangue* estava inveterado, é fácil compreender como a espécie penetrou na África. Os Negros, vendo os Árabes usarem da planta, habituaram-se pouco a pouco ao seu emprego. Como mais rudes não sabiam nem tinham ingredientes para preparar essas misturas finas e complicadas em que entrava o *bangue,* a *areca,* a *noz moscada,* a *cânfora,* o *âmbar* e o *almíscar,* e que os ricos Mouros da Índia tomavam em electuários, chamados *maju.* Mas souberam e contentaram-se com tomar ou fumar as folhas e caules, o que lhes dava a desejada embriaguez. Esta penetração da planta na África pela costa oriental, e por intermédio dos Árabes, parece-me um facto perfeitamente demonstrado. No século XVI, já o uso do *bangue* era comum entre os Cafres, como se vê de uma interessante passagem da *Ethiopia oriental* (2). Nesta informação, dada por fr. João dos Santos, que vai integralmente transcrita na nota, há várias indicações dignas de reparo. Em primeiro lugar, vê-se que a espécie *Cannabis sativa* era

---

(1) Estas dúvidas de Garcia da Orta nasciam das diferenças que efectivamente existem entre a planta da Índia e a da Europa, as quais levaram Lamarck a estabelecer para aquela uma espécie nova, *Cannabis indica.* Estas diferenças são pequenas e pouco constantes, tendo por isso os botânicos modernos abandonado a distinção de Lamarck.

Nasciam também dos diversos usos da planta, que em Portugal era *têxtil,* e na Índia poderosamente *intoxicante.* O nosso Garcia da Orta, que sabia muito, não podia saber o efeito produzido pelos diversos climas sobre a abundância e natureza das secreções de uma mesma espécie vegetal.

(2) Transcrevo toda a notável página, que diz assim: «Em toda esta Cafraria se cria hũa certa herva que os Cafres semeão, a que chamão Bãgue, a qual he da propria feição do coentro espigado, e parecese muito cõ elle na semente, e na palha, mas não na folha, porque esta a tem ao modo de goivos.

cultivada pelos Negros «por toda esta Cafraria» já no ano de 1586; e sem dúvida havia passado muito antes das pequenas plantações que os Árabes começaram a fazer junto dos seus estabelecimentos, e para seu uso, para os campos cultivados do indígena. Em segundo lugar, fr. João dos Santos não só lhe dá o nome de *bangue,* como afirma que os próprios Cafres lhe chamavam assim, o que de certo é um indício, e bastante claro, de que tinha vindo da Índia. De passagem, direi que, na região de Zanzibar, ainda hoje o nome usado é o mesmo de *bang.* Finalmente, podemos observar que os Cafres naquele tempo *comiam* as folhas da *Cannabis,* enquanto hoje as *fumam.* Posto que os Árabes ou Mouros da Índia fumassem às vezes o *haxixe* ou *bangue,* era mais habitual entre eles tomar pílulas ou beber preparados em cuja composição entrava. Tudo isto nos leva a crer que a cultura, o nome e o modo de usar da planta vieram da Índia para a costa oriental da África.

Do litoral do mar Índico foi este hábito pernicioso penetrando para o centro da África, e os Negros substituiram pouco a pouco ao sistema de comer as folhas, o de as fumar que hoje usam por toda a parte. Nas suas primeiras viagens, o dr. Livingstone encontrou este hábito entre os Batoca do alto Zambeze, os quais chamavam à *Cannabis sativa — mutocuane.* Atribui o célebre explorador a tal hábito a degradação física e moral dos Batoca, e diz que muitas outras tribos do interior a tinham. Afirma igualmente que Sequeletu e os moços Macololo haviam contraído aquele vício, que se não observava entre os velhos da sua nação. Por onde se vê que os Macololo, ou Basuto, não conheciam a planta nas suas terras do sul, mas a encontraram nas regiões centrais, que foram atravessando (1). Na relação da sua segunda viagem refere-se também detidamente ao hábito de fumar o *mutocuane,* que então estava muito generalizado no país dos Macololo, não só entre os homens como entre as mulheres (2).

Esta palha e folhas secão os Cafres, e depois de bem secas as pisão, e fazem em pó, e deste comem hũa mão chea, e bebẽlhe agoa encima, e assy ficão muy satisfeitos, e cõ o estomago confortado, e muitos Cafres ha que cõ este bangue se sustentão muitos dias, sem comer outra cousa, mas se comẽ muito junto, embebedãose cõ elle de tal modo como se bebessem muito vinho. Todos estes Cafres são mui amigos desta herva, e ordinariamente a comẽ, e com ella andão meyos bebados, e os que são costumados a ella escusão o pombe, porque só com ella se satisfazem». *Ethiopia oriental,* parte 1.ª, cap. XIII, fol. 20 v.

(1) Veja-se *Missionary travels,* 540.

(2) *The Zambesi,* 286.

Creio que este hábito penetrou até aos sertões de Angola, passando pelo centro, por essas regiões do alto Zambeze e de Lovalé, ou mais ao norte pelos estados do Muata Ianvo. Não há indício nem razão para acreditar na sua introdução pelo litoral do ocidente. Chamam à planta nos sertões angolenses, *riamba, liamba* ou *diamba* (1). É cultivada com frequência em muitas partes da província, por exemplo, no Golungo Alto, porém, em pequenas quantidades e em sítios recônditos, como se os Negros a quisessem subtrair às depredações dos viajantes ou fizessem um certo segredo da sua cultura.

As folhas e caules secos da *Cannabis* são fumados pelos Negros em uns cachimbos especiais, que variam muito pouco na forma de umas para outras regiões, desde as terras de Angola até ao Zambeze. Colocam-se os fragmentos secos da planta sobre a pequena fornalha do cachimbo, onde se acendem com uma braza; desta parte, onde arde a *riamba,* o fumo passa para um recipiente cheio de água, e tem de atravessar a água para chegar à boca pelo modo por que sucede nos bem conhecidos cachimbos turcos, chamados *narguilé.* O recipiente pode ser uma cabaça pequena, ou uma *mucua* — o fruto da *Adansonia* — ou um corno de antílope (2). Segundo dizem os srs. Capelo e Ivens, estes cachimbos especiais para a *riamba,* chamam-se nos sertões angolenses *mutopa* (3). A mutopa corre de mão em mão a roda dos fumadores e cada um aspira três ou quatro vezes o fumo, passando-a em seguida ao vizinho. O primeiro efeito das fumaças é um violentíssimo ataque de tosse, que quase sufoca o fumador; vem depois uma salivação abundante e asquerosa e um estado de excitação e embriaguez especial, denunciado por gritos

---

(1) Não quer isto dizer que os Negros lhes dêem três nomes diversos, e ùnicamente que o som da letra inicial é ambíguo e soa a uns ouvidos como *r* doce, a outros como *l,* e alguns como *d.* Do *r* das línguas africanas diz o conhecido filólogo dr. Bleck que é «*...a sort of floating letter and rather intermediate between r and l...*». A boa ortografia é no entanto *riamba,* pronunciando o *r docemente,* como se estivesse em uma palavra portuguesa entre duas vogais.

(2) Veja-se um desenho do cachimbo em Cap. e Iv. *Benguella,* I, 152, onde o recipiente para água é um corno de antílope; e outro desenho em Sarmento, *Sertões,* 107, onde o recipiente parece ser uma cabaça ou casca de algum fruto.

(3) Creio que o nome de *mutocuane,* citado por Livingstone, e que ele julgou ser o nome da planta, será simplesmente o do cachimbo. O engano ou troca era fácil; e é curioso que já se desse com o nome do cachimbo, chamado *tabaco* pelos Indios da América, o qual veio a aplicar-se na Europa à planta fumada.

e pela emissão de frases sem sentido. É curioso observar como as descrições dos efeitos produzidos sobre os Negros lembram o que Heródoto disse há tantos séculos dos Citas: «*Les Scythes qui sont là-dessus, émerveillés de telle vapeur, se prennent à braire et crier...*» assim traduz Pedro Saliat a passagem do velho historiador na sua interessante e ingénua versão em antigo francês.

Se os efeitos imediatos são repugnantes, os que se seguem depois são lamentáveis. O fumador de *riamba* cai, com o andar do tempo, em um estado de completo idiotismo e — segundo dizem — está muito exposto a ser atacado pela terrível *doença do sono*. Em Angola, estes efeitos são bem conhecidos e considerava-se perdido todo o escravo que contraía aquele hábito fatal. Quanto a obter pela persuassão ou mesmo pelo rigor a emenda de um fumador de hábitos inveterados, é — segundo todos afirmam — uma tarefa difícil, se não impossível. A *riamba*, como o ópio, como o álcool, toma tenazmente posse da sua vítima, que não deixa escapar.

O pernicioso uso do cânhamo, introduzido pelos Árabes, e, começando na costa oriental, estendeu-se assim pelas terras centrais da África austral de costa a costa, mas não avançou muito para o norte. Não tenho notícia de que exista ou pelo menos seja frequente na África setentrional. Mas passou da África à América; os escravos negros levaram consigo a sua planta valida, que cultivaram clandestinamente nas roças da Baía ou do Pará, de modo que a *Cannabis sativa* se encontrava naturalizada em várias localidades das províncias do norte do Brasil; e algumas vezes as fumaças de *riamba* recordariam ao pobre preto a sua terra africana e lhe fariam esquecer as durezas da hora presente.

LXXIV

MORÁCEAS

MUCAMBA-CAMBA. — *Chlorophora excelsa* (Welw.) Benth. et Hook. f. *Gen. Plant.* III, pars I, 363 — *Maclura excelsa* Bur. in DC. *Prodr.* XVII, 231 — *Morus excelsa* Welw. in *Trans. Linn. Soc.* XXVII, 69, t. 23.

Esta árvore, a que os Negros dão o nome de *mucamba-camba*, e os Portugueses o de *moreira* ou *amoreira*, é uma das maiores dos sertões angolenses. Welwitsch diz ter visto exemplares que excediam 130 metros de altura. O seu tronco é recto, grosso, não ramificado

até uma altura considerável, e suporta uma copa larga hemisférica de folhagem densa e abundante. Constitui portanto uma das essências florestais mais notáveis da província de Angola, sendo bastante frequente nas florestas primitivas, não muito densas, da 3.ª região de Cazengo, Golungo Alto e Dembos.

Toda a planta é bastante lactescente, e os seus frutos numerosos — ou antes reuniões de frutos — são procurados pelos pássaros que deles se alimentam. A madeira é branca amarelada — nos troncos velhos, atravessada por largos veios escuros — muito dura e resistente, sendo empregada nas construções de casas, ou no fabrico de móveis, e reputada uma das boas e valiosas madeiras daquelas regiões.

Penso que esta espécie habita também S. Tomé e é ali conhecida pelo mesmo nome de *amoreira,* pelo menos vejo mencionada uma madeira deste nome em listas ou catálogos de produtos daquelas ilhas, dizendo-se ser amarelada, com veios escuros, um tanto parecida com o vinhático, muito resistente, procurada para diversos usos e produzida por uma árvore de grandes dimensões. Todas estas indicações concordam com o que Welwitsch diz da *mucamba-camba.* É, pois, muito provável que seja a mesma espécie (1).

Amoreira. — *Morus nigra* L. Sp. Pl., 986.

Temos no herbário exemplares desta conhecida árvore, provenientes de indivíduos cultivados em Moçâmedes. Resultam de introdução de Portugal, em um período provàvelmente recente.

Dorstenia Psilurus Welw. in *Trans. Linn. Soc.* XXVII, 71.

É uma pequena erva, um tanto suculenta tendo um rizoma carnoso, que habita nos vales umbrosos, ou junto às pedras no distrito de Pungo Andongo, principalmente na mata de Pungo.

Welwitsch faz notar que os rizomas e tuberosidades subterrâneas desta espécie contêm um óleo essencial de cheiro suave, e que provàvelmente possuem as propriedades medicinais diuréticas, diaforéticas e roborantes que distinguem várias espécies deste género *Dorstenia,* naturais do Brasil. Seria, pois, interessante estudar esta planta sob o ponto de vista das suas aplicações terapêuticas, principalmente nos casos de disenteria grave, bastante frequente nas terras de África.

---

(1) Existe, de facto, em S. Tomé e no Príncipe. J. Henriques l. c., sub. *Ch. tennifolia* Engl., e Exell l. c. pág. 305, o qual dá como nome vernáculo *Uncambá vlémé.*

LXXV

ARTOCARPÁCEAS

LUCANDA. — *Ficus ottoniaefolia* Miq. Ann. Mus. Bot. Lugd. Bat., III, 288. — *F. Lucanda* Welw. mss (1).

É uma árvore mediana, de 20 a 30 pés de altura, não lactescente; tem folhas agudas na base, apiculadas, inteiras, longamente pecioladas, de pecíolos finos, de onde resulta que o vento agita fàcilmente a sua folhagem; tem frutos ou sincárpos pequenos, piriformes, desenvolvendo-se nos ramos novos e também nos ramos já antigos e lenhosos.

Habita no Golungo Alto. Os exemplares têm no herbário o n.º 6.392.

QUIBEBA. — *Ficus Quibeba* Welw. ex. Fic. Pl. Ut. 1.ª ed.

É uma árvore grande, muito formosa, de 30 a 40 pés, ou em boas condições de 60 a 80 pés de altura, lactescente; as suas folhas são grandes e toda a árvore tem um pouco o hábito externo da *Magnolia.*

Habita nas florestas do Golungo Alto. Tem no herbário o n.º 6.399.

MULEMBA. — *Ficus psilopoga* Welw. ex. Warb. in Engl. Bot. Jahrb., XX, 160.

É uma bela árvore, sempre verde, de 30 a 60 pés de altura,

---

(1) Nas florestas de Angola habitam numerosas espécies do género *Ficus,* e algumas formam árvores corpulentas, e podem fornecer madeiras ou outros produtos úteis, que estão mal conhecidos. Cito ùnicamente aquelas espécies que têm nomes vulgares; e com o nome vulgar menciono também o que Welwitsch lhes havia provisòriamente dado no seu herbário. Não estou certo, nem mesmo persuadido de que sejam espécies realmente novas, mas não tenho meios de verificar se efectivamente o são. O género *Ficus* é vastíssimo e a distinção das suas espécies é difícil. Está além disso muito mal estudado, e requere com a maior urgência uma revisão completa da parte de algum perito e paciente monografista, que venha refundir a obra já antiga e por muitos títulos hoje imperfeita de Miquel. Dado este estado pouco satisfatório dos nossos conhecimentos, e sobre isso a escassez de recursos bibliográficos e ainda mais de herbários típicos para comparação, de que disponho em Lisboa, fàcilmente se compreenderá que não posso chegar a resultados seguros. Os nomes citados são pois puramente provisórios.

copa larga e ramos patentes; tem folhas brevemente mucronadas ou obtusas, ovadas ou obovadas, longamente pecioladas; frutos ou sincárpos do tamanho de uma pequena cereja; numerosas raizes aéreas, pendendo verticalmente, de cor sanguínea com um brilho particular. Os exemplares têm no herbário o n.º 6.352.

Habita no distrito da Barra do Dande, nas florestas do Golungo Alto e encontra-se cultivada em volta de Luanda.

Os Negros comem os seus pequenos frutos. O cozimento das raizes aéreas, a que chamam *barbas de mulemba,* é empregado pelos indígenas no tratamento de febres exantemáticas e diarreias ou externamente para lavar feridas e úlceras. (Welw. *Synopse,* 28).

Mucuso. — *Ficus Mucuso* Welw. ex Mildbr. et Burret in Engl. Bot. Jahrb. XLVI 193.

É uma árvore grande, de 30 a 40 pés de altura, ramos patentes e copa larga; as suas folhas são grandes, largas, ovais, cordadas, obscura e irregularmente crenadas, brevemente apiculadas, escabras; os frutos são grandes, piriformes ou clavados, carnosos, esbranquiçados e molemente tomentosos, enquanto novos. Os exemplares têm no herbário os n.ºs 6.415 e 6.416 (1). Habita no Golungo Alto.

É certamente uma espécie muito próxima à *Ficus Sycomorus* L.; mas as folhas são mais curtas, quase redondas e algumas fina e brevemente apiculadas, o que me parece estabelecer uma distinção bastante evidente.

A *Ficus Sycomorus,* esta conhecida e célebre árvore, muito comum em vários países africanos desde o Egipto até à Senegâmbia, encontra-se no arquipélago de Cabo Verde, nos vales das ilhas de S. Tiago e Santo Antão, onde, sem dúvida, foi antigamente introduzida.

É bastante frequente em Angola uma árvore vulgarmente chamada *incendeira* ou *micendeira,* que atinge grandes dimensões, e é plantada habitualmente junto das habitações ou ao longo dos caminhos e estradas. Alguns viajantes se referem a esta árvore, dando-lhe o nome de *sicómoro,* e não duvido que seja a *Ficus Sycomorus.* Por uma singular omissão, resultante talvez desta árvore ser demasiado comum, Welwitsch nem a incluíu no seu herbário, nem fala dela nas suas publicações. Não vi portanto exemplares da *micendeira* e não posso afirmar que seja realmente esta espécie.

---

(1) Hiern, *Cat.,* 1014 e 1015, dá ao N.º 6415 o nome de *F. Trachyphylla* Fenzl., mas acrescenta «Determination doubtful», e dá ao N.º 6416 o nome de *F. Mucuso* Welw.

FIGUEIRA. — *Ficus Carica* L. Sp. Pl., 1.059.

Esta vulgar e muito apreciada árvore foi naturalmente uma das que os Portugueses levaram para as terras africanas, onde se estabeleceram, e vários escritores antigos a mencionam, tanto no ocidente como no oriente. Fr. João dos Santos, por exemplo, diz que nas terras de Sofala havia «muitas figueiras de Portugal, que todo o anno dão figos pretos, excelentíssimos, mui semelhantes aos figos rebaldios».

Ainda hoje se encontra em cultura, nas ilhas de Cabo Verde, no Golungo Alto e outros pontos; Welwitsch afirma, no entanto, que o seu fruto é sempre muito inferior ao que produz no sul da Europa.

MUNGUENGA IA MUCHITO. — *Bosqueia angolensis* Fic. in Pl. Ut. 1.ª ed. — *B. Welwitschü* Engl. — *Centrogyne angolensis* Welw. mss. in herb.

A planta que temos no herbário (n.º 456) pertence a este género, nomeado por du Petit-Thomas e descrito pelo sr. Baillon no jornal *Adansonia* III, 338. Baillon descreveu e figurou três espécies deste género. A nossa espécie é aparentemente distinta de todas três, mas próxima da *Bosqueia Phoberos* Baill. *Adans.* VIII, 72, t. 4. Distingue-se desta nas dimensões maiores das folhas, e na sua forma, pois são sensìvelmente atenuadas e agudas na base, e não obtusas, e são longamente acuminadas no ápice. Se é de feito nova, como julgo, deverá receber o nome que lhe deu Welwitsch quando a julgou pertencente ao seu género *Centrogyne.*

É uma árvore de 25 a 30 pés, tendo ramos patentíssimos, folhas duras, coriáceas e luzidias, e grupos de flores unissexuais, reunidas em um falso capítulo colocado nas axilas das folhas. Tem um suco lactescente, viscoso, um tanto aromático. Habita esporádica nas florestas densas da região do Golungo Alto.

Nos frutos, de uma organização singular, o receptáculo da inflorescência torna-se carnoso e adere ao germe. Estes frutos são comidos pelos Negros, os quais lhes acham talvez certa semelhança de gosto com os da *Spondias,* dando-lhe por isso o nome de *munguenga ia muchito,* ou dos bosques.

ISA QUENTE. — *Treculia africana* Decne ap. Trécul *Mon.* in *Ann. Sc. Nat.,* 3.ª série, VIII, 109; *Bot., Mag.* t. 5.986 — *Myriopeltis edulis* Welw.

Esta árvore é chamada em S. Tomé *isa, isa quente, quicange* e *quicuange;* em Angola *disanha,* na Senegâmbia *ócua.*

É uma árvore mediana, de 20 a 30 ou 35 pés de altura, tendo folhas grandes coriáceas e produzindo um fruto — ou antes reunião de frutos — muito grande, dentro do qual existem numerosas sementes. São estas sementes comestíveis, muito agradáveis ao paladar e entram habitualmente na alimentação dos Negros das regiões onde habitam. Em S. Tomé as sementes da *isa,* e no Golungo Alto as de *disanha,* encontram-se regularmente nos mercados. Contêm um óleo, susceptível de aplicações diversas e que se pode extrair pelos processos ordinários.

JACA. — *Artocarpus integer* (Thunb.) Merr. Interp. Rumph. Herb. Amboin., 190 — *Aintegrifolia* L. f.; *Bot. Mag.* t. 2833 et 2834.

Temos no herbário exemplares desta útil árvore das regiões tropicais, provenientes de S. Tomé, onde é conhecida pelo nome vulgar citado, o qual é — assim como a planta — de origem asiática. Foi sem dúvida introduzida naquela ilha, em épocas mais ou menos remotas, pelos Portugueses, que a trouxeram da Índia, onde a sua cultura é geral e antiquíssima.

Não temos exemplares da *árvore do pão,* procedentes das terras portuguesas, e ùnicamente um que provém da Serra Leoa, por onde Welwitsch passou na sua viagem. Creio, no entanto, que alguns pés se cultivaram já em S. Tomé. Em todo o caso esta utilíssima árvore do arquipélago malaio, e da Polinésia, seria uma boa aquisição para algumas das nossas colónias. Sobre a *árvore do pão* — *Artocarpus communis* J. R. et G. Forst Char. Gen. Pl. 102 — *A. incisa* L. f. — podem ver-se numerosas indicações nas relações de viagens às ilhas do Pacífico; e boas figuras relativas à sua organização no *Botanical Magazine* t. 2869, 2870 e 2871 (1).

LXXVI

CONOCEFALÁCEAS

MUSUBIRI — *Myrianthus arboreus.* P. Beauv. *Fl. d'Ow et de Benin,* 16, t. 11.

É um arbusto, ou excepcionalmente uma árvore que pode atingir

(1) J. Henriques, Bol. Soc. Brot. IV, e XXVII, e Exell, l. c., dão-na como cultivada em S. Tomé, onde têm o nome de *fruta pão.*

20 a 25 pés de altura, tendo grandes folhas palmadas. Habita as florestas do Golungo Alto. Produz um fruto amarelado — assemelhando-se um pouco à primeira vista a um ananás — que é doce, um tanto ácido, agradável e refrigerante.

Welwitsch nota nos rótulos do herbário, que a estampa 11 de Palisot de Beauvais na qual vem delineada a inflorescência masculina é perfeitamente correcta, mas que a estampa 12, na qual está figurado o fruto, deve ter resultado de algum engano, pois representa um fruto absolutamente diverso do desta espécie. Esta observação é confirmada pelo que dizem Bentham e Hooker.

GOFÉ. — *Musanga cecropiosides* R. Br. apud Tedlie in Bowdich Miss. Ashantee, 372.

Temos no herbário um exemplar, n.º 2.592, da pequena árvore, chamada em S. Tomé *gofé,* cuja madeira é ali aproveitada e tida numa certa estima.

O exemplar consta apenas de parte da folha e, portanto, não fornece elementos para uma determinação segura, e pode ùnicamente supor-se que talvez pertença ao género, fundado por Roberto Brown, e mantido por Bentham e Hooker, *Gen. plant.* III, pars I, 379.

O nome *Musanga,* adoptado por R. Brown para o género, é o nome vulgar usado na região do Zaire.

PARTE II

GIMNOSPERMAS

LXXVII

PODOCARPÁCEAS

Pinheiro de S. Tomé, P. da Terra. — *Podocarpus Mannii* Hook f. in *Jour. Proe. Liun. Soc.*, Bot., VII, 218.

Árvore de 10 a 15 metros de altura, encontrada pela primeira vez em 1881 por Mann junto da Lagoa Amélia a 1.400 metros e que sobe até o Pico a 2.000 metros. Em Monte Café parece não ser espontânea e ter sido plantada, como foi em S. Nicolau a 900 metros. Constitui um endemismo daquela ilha.

LXXVIII

GNETÁCEAS

Ncoco. — *Gnetum africanum* Welw. in *Trans. Linn. Soc.* XXVII, 73.

É uma planta trepadeira, de caule volúvel, que se enlaça e trepa pelas árvores. Tem folhas alongadas, rígidas e persistentes. Habita nas florestas sombrias das serras altas do distrito de Pungo Andongo.

Os Negros comem as folhas novas cozidas e temperadas com azeite de palma, e não é uma comida desagradável, segundo Welwitsch diz: «*folia recentiora autem cocta atque oleo palmarum condita sapidum ipsis cibum offerunt, etiam mihi in istis solitudinibus non raro graviter esurienti nequaquam ingratum.*» Os seus ramos são compridos e resistentes, e empregados algumas vezes pelos indígenas em lugar de cordas.

LXXIX

WELWITSCHIACEAS

TUMBO. — *Welwitschia mirabilis* Hook. f. in *Trans. Linn. Soc.* XXIV, 7, t. 1 ad 14 — *Tumboa Bainesii* Welw. *Garden Chron.* 26 — Jan. 1861.

Esta singular planta apresenta um aspecto e uma estrutura muito especiais. O seu tronco lenhoso, da forma de um cone invertido, truncado na parte superior, está quase todo enterrado no solo e apenas deixa ver a descoberto a sua parte superior da forma de uma espécie de cogumelo lenhoso, a qual adquire por vezes um diâmetro considerável. As suas grandes folhas primordiais, coriáceas e frequentemente rasgadas em lacínias, estendem-se arrastando sobre o solo, e na orla exterior da mesa superior do caule, inserem-se as flores, grupadas em cones avermelhados.

Sobre a sua estrutura pode ver-se o trabalho completo de Sir J. D. Hooker no lugar citado acima; uma interpretação de Mc. Nab nas *Trans. Linn. Soc.*, XXVIII; e ainda outras indicações citadas e resumidas em Bentham e Hooker, *Gen. Plant.* III, pars I, 418.

Esta espécie encontra-se com certa frequência e gregária numa planície elevada, (100 metros de altitude pròximamente e em média), um tanto acidentada, arenosa e estéril que se estende para o sul de Moçâmedes na direcção do Cabo Negro (1). Os Negros dão-lhe nesta parte, segundo diz Welwitsch, o nome vulgar de *tumbo*. Depois de Welwitsch a ter observado no território português, foi encontrada por Baines e por Andersson muito para o sul, nas proximidades e para o interior de Waalvitsch Bay; em uma das partes mais secas e áridas de toda a África austral. Aí, segundo diz Baines, o nome que lhe dão os Damara é *nyanca-hycancop*, enquanto os Hotentotes lhe chamam *gories*.

Como se vê, este tipo singularíssimo de vegetação só se tem encontrado nas partes mais áridas e secas da África austro-ocidental,

---

(1) Quando revia as provas desta página recebi uma carta, assinada pelos srs. H. Capelo e R. Ivens, e datada das margens do Rio Coroca, a 7 de Abril de 1884, na qual os ilustres exploradores e meus amigos me dizem, que têm por ali encontrado a *Welwitschia*, em pontos que — segundo julgo — devem estar situados um pouco a sul e a leste dos que foram visitados pelo dr. Welwitsch. Procedem ainda nos seus trabalhos para o sul e poderão fornecer interessantíssimas indicações sobre a extensão da habitação da planta na direcção do Cunene.

e toda a sua estrutura denuncia uma adaptação especial às condições climáticas da região em que vive. Pode ver-se a interessante discussão desta adaptação em Grisebach, *Végétation du Globe* II, 246, tr. de Tchihatchef.

Não sei de emprego algum ou utilidade tirada desta planta e ùnicamente a menciono, em virtude da sua singular organização e aspecto.

Nota da 1.ª Edição

Além das espécies da Ilha de S. Tomé, que vão mencionadas nas páginas precedentes, existem ali outras muito conhecidas pelos seus nomes vulgares, como por exemplo, *viro, gó-gó,* etc.; de algumas possuo no herbário exemplares imperfeitíssimos, como uma folha ou fragmento de folha. Podia sobre estes materiais assentar algumas conjecturas, mais ou menos plausíveis mas pouco fundamentadas, sobre a família ou o género a que podem talvez pertencer; julguei, no entanto, preferível aguardar melhores exemplares, e abster-me destas adivinhações botânicas.

Alguns erros de menor significação, que escapassem, serão fàcilmente corrigidos na leitura; quanto às lacunas são numerosíssimas e serão desculpadas, atendendo à dificuldade das averiguações e escassez dos materiais.

Nota final da 2.ª Edição

Na reimpressão desta obra, elaborada com o pensamento constante da Pátria Portuguesa, mantiveram-se os modos de dizer daquela época, embora alguns não sejam actualmente usados ou, mesmo, sejam considerados menos bons. O texto e as notas do sábio professor foram apenas actualizadas quer quanto à grafia, seguindo-se o regime ortográfico vigente, quer quanto aos nomes botânicos, utilizando trabalhos publicados posteriormente.

Pareceu, porém, conveniente acrescentar o chá, que se tornou importante cultura moçambicana, o pinheiro de S. Tomé, curiosa e útil espécie daquela formosa e rica ilha, uma ou outra nota, que fàcilmente se reconhece, e substituir ou adicionar dados económicos que mostrem a evolução das quantidades exportadas e os valores aduaneiros das produções mais importantes, dados estes devidos à muita amabilidade do «Instituto Nacional de Estatística», e que muito reconhecido agradeço.

Finalmente foram organizadas listas de famílias, de nomes botânicos e de nomes vulgares portugueses e africanos, que não havia na primeira edição e cuja falta se fizera sentir por tal forma, que na Sociedade de Geografia de Lisboa, fora um índice publicado em 1908 pelo distinto engenheiro agrónomo, Sr. Augusto Santiago Barjona de Freitas.

As imperfeições e erros, sempre possíveis, muito principalmente em assuntos desta natureza, que tenham escapado, são da minha exclusiva responsabilidade e não podem, nem deveriam, macular a memória do autor de trabalho tão prestimoso, como é «Plantas úteis da África Portuguesa».

Julho de 1946

RUY TELLES PALHINHA

Lista das Famílias citadas

	Pág.		Pág.
Amarantáceas	240	Faseoláceas	125
Ampelidáceas	119	Flacurtiáceas	87
Anacardiáceas	121	Gencianáceas	222
Annonáceas	75	Gnetáceas	275
Apiáceas	189	Gutíferas	89
Apocináceas	212	Hernandiáceas	245
Araliáceas	190	Hidnoráceas	242
Artocarpáceas	267	Hipericáceas	88
Asclepiadáceas	219	Hipocrateáceas	117
Asteráceas	203	Labiadas	238
Bixáceas	86	Lamiáceas	238
Bombacáceas	91	Lauráceas	244
Boragináceas	223	Lináceas	107
Brassicáceas	84	Loganiáceas	221
Burseráceas	110	Malváceas	96
Cesalpiniáceas	148	Melastomatáceas	181
Canabináceas	259	Meliáceas	113
Caparidáceas	84	Menispermáceas	80
Caricáceas	182	Mimosáceas	168
Celtidáceas	258	Miristicáceas	244
Coclospermáceas	85	Mirotamnáceas	177
Combretáceas	179	Mirtáceas	180
Compostas	203	Moráceas	265
Conocephaláceas	270	Nictagináceas	239
Convolvuláceas	223	Olacáceas	116
Crassuláceas	176	Papaveráceas	84
Crucíferas	84	Papilionáceas	125
Cucurbitáceas	183	Passifloráceas	182
Ebenáceas	210	Pedaliáceas	234
Esterculiáceas	100	Piperáceas	242
Euforbiáceas	246	Plumbagináceas	207

	Pág.
Podocarpáceas	275
Poligaláceas	87
Poligonáceas	241
Portulacáceas	87
Proteáceas	246
Punicáceas	181
Quenopodiáceas	240
Ramnáceas	118
Rizoforáceas	177
Rosáceas	175
Rubiáceas	190
Rutáceas	107
Sapindáceas	121
Sapotáceas	207
Solanáceas	229
Tamaricáceas	88
Teáceas	90
Tiliáceas	106
Umbelíferas	189
Verbenáceas	238
Violáceas	85
Welwitschiáceas	276

Lista dos nomes botânicos indicados

	Pág.
Abrus precatorius L.	137
Abutilon zanzibaricum Bojer	96
Acacia albida Del.	170
—— caffra Willd. ...	170
—— erubescens Welw. ...	170
—— etbaica Schweinf..	173
—— Farnesiana (L.) Willd.	173
—— mossambicensis Bolle	170
—— pennata (L.) Willd. var. dolichosperma Oliv.	172
—— pentaptera	172
—— robusta Burch. ...	170
—— Sieberiana DC. ...	173
—— Welwitschü Oliv..	172
Acanthosicyos horrida Welw.	184
Actinostigma speciosum Welw.	90
Adansonia digitata L. ...	91
Adenia lobata (Jacq.) Engl.	182
Adenopogon stellarioides Welw.	222
Adina microcephala Hiern	190
Aeolanthus elongatus Briq.	238
Albizzia angolensis Welw.	174
—— anthelminthica A. Brongn.	174
—— coriaria Welw..	174
—— versicolor Welw.	174
—— Welwitschii Oliv.	174
Alchornea cordifolia (Schuhmach.) Müll. Arg.	255
Alsodeia Aucuparia Welw.	85
—— dentata P. Beauv.	85
Alternanthera repens (L.) O. Kuntze	240
Alvardia arborea Welw.	189
Amarantus caudatus L.	240
Ampelopsis heracleifolia Planc.	119
—— urenaefolia Planc.	119
Anacardium occidentale L.	122
Anaphrenium abyssinicum Hochst.	121
Annona Cherimolia Mill.	75
—— glabra L.	76
—— muricata L.	76
—— palustris L.	76
—— reticulata L. ...	75

	Pág.
Annona senegalensis Pers.	76
—— squamosa L.	75
Anthocleista macrantha Gilg.	221
—— Vogelü Fic. *non* Planc.	221
Apodytes dimidiata E. Mey	117
Arachis hypogaea L.	131
Artemisia Afra Jaeq.	207
Artocarpus communis J. R. et G. Forst.	270
—— incisa L. f.	270
—— integer (Thunb.) Merr.	270
—— integrifolia L.	270
Assonia cuanzensis Hiern	104
Baphia angolensis Welw.	147
Batatas edulis Choisy	223
Bauhinia reticulata DC.	151
—— Serpae Fic et Hiern	151
Berlinia angolensis Welw.	152
—— paniculata Benth.	152
Bixa Orellana L.	86
Blighia sapida Koenig	121
Blumea lacera	206
—— sps.	206
Boerhaavia adscendens Willd.	239
—— diffusa L.	239
—— plumbaginea Cav.	240
Bombax Buonopozensis P. Beauv.	95
—— pentandrum L.	93
Bosqueia angolensis Fic.	269
—— Welwitschii Engl.	269

	Pág.
Brachystegia spicaeformis Benth.	152
—— tamarindoides Welw.	153
Bruguiera caryophylloides Bl.	178
Burkea africana Hook. var. andongensis Oliv.	161
Caesalpinia pulcherrima (L.) Sw.	148
Cajanus Cajan (L.) Millsp.	140
—— indicus Spreng.	140
Calesiam antiscorbutica Hiern	123
Calotropis procera Ait.	219
Camellia sinensis O. Ktze	90
—— Thea Link	90
Canarium edule Hook. f.	110
—— Mubafo Fic.	110
Cannabis sativa L.	259
—— indica Lam	262
Capassa violacea Klotzsch	146
Capsicum conicum E. Mey	230
Carapa procera C. DC.	115
Carica Papaya L.	182
Carissa edulis Vahl.	219
—— obovata Colladon.	150
—— didymobotrya Fres.	129
—— Fistula L.	149
—— obovata Colladon.	150
—— occidentalis L.	149
—— psilocarpa Welw.	148
—— Sieberiana DC.	148
Ceiba pentandra (L.) Gaertn.	93
Celtis Durandii Engl.	258
—— Henriquesii Engl.	258
—— Prantlii Priemer	258

	Pág.
Celtis Soyauxii Engl.	258
—— Wightii J. Henr. *non* Planc.	258
Centrogyne angolensis Welw.	269
Ceriops Candolleana ...	178
Chenopodium ambrosioides L.	240
Chlorocodon Whittei Hook. f.	220
Chlorophora excelsa (Welw.) Benth. et Hook. f.	265
—— tenuifolia Engl.	266
Chondrodendron tomentosum	82
Chrysobalanus Icaco L....	175
Chrysophyllum albidum G. Don.	210
—— Disaco Hiern	207
—— Welwitschii Engl.	209
Chytranthus Mannü Hook. f.	121
Cicer arietinum L.	136
Cienfuegosia anomala Gürke	99
Cinchona Calisaya Wedd.	192
—— Ledgeriana Moens	192
—— officinalis L.	192
—— succirubra Pav.	192
Cinnamomum Camphora Nees et Eckerm. ...	245
—— zeylanicum Garc.	245
Cissampelos Pareira L.	83
Cissus andongensis Planc.	120
Citrullus Colocynthis Schrad.	186
—— vulgaris Schrad.	187
Citrus sps.	108
Cladosicyos edulis Hook. f.	185
Cocculus palmatus DC.	80
Cochlospermum angolense Welw.	85
Coffea arabica L.	197
—— hypoglauca Welw.	203
—— jasminoides Welw.	203
—— liberica Bull.	201
—— melanocarpa Welw.	203
—— stenophylla Don.	203
Cola acuminata (P. Beauv.) Schott et Endl.	102
—— digitata Mast.	102
—— heterophylla Schott et Endl.	104
Combretum constrictum Laws.	179
—— dipterum Welw.	180
—— holosericeum Sond.	180
—— lepidotum A. Rich.	179
—— tinctorum Welw.	180
Commiphora angolensis Engl.	110
—— edulis Engl.	110
—— longebracteata Engl.	110
—— Mulelame K. Schum	110
Convolvulus Batatas L.	223
Copaifera Guibourtiana Benth.	157
—— Mopane Kirk.	160
Corchorus tridens L. ...	106

	Pág.
Cordia aurantiaca Bak. ...	223
Cordyla africana Lour. ...	147
Corynanthe paniculata Welw.	191
Crossopterix febrifuga Benth.	191
—— Kotschyana Fenzl.	191
Croton Mubango Müll. Arg.	249
—— oxypetalus Müll. Arg.	249
—— pyrifolius Müll. Arg.	249
Cucumeropsis edulis Cogniaux	185
Cucumis africanus Lindl f.	186
—— dipsaceus Ehrenb.	186
—— Melo L.	185
—— sativus L.	185
Cucurbita maxima Duch.	188
Cussonia angolensis Hiern.	190
Cynometra laxiflora Benth.	161
Dalbergia Ecastaphyllum (L.) Taub.	141
—— hostilis Benth.	141
—— malifolia Welw.	141
—— melanoxylon Guill. et Perr.	141
—— nitidula Welw.	141
Decameria Jovis-tonantis Welw.	196
Delonix regia Raf.	148
Dialium angolense Welw.	151
—— guineense Willd.	150
Dicoma anomala Sonder	206
Diospyros Dendo Welw.	213
Diospyros Loureiriana G. Don.	213
—— mespiliformis Hochst.	213
—— platyphylla Welw.	212
Diplorhynchus angolensis Büttn.	219
—— psilopus Welw.	219
—— Welwitschii Rolfe	219
Dolichos Dongaluta Welw.	140
—— Lablab L. ...	140
Dombeya cuanzensis Welw.	104
Dorstenia Psilurus Welw.	266
Ekebergia senegalensis A. Juss.	114
Entada abyssinica Steud.	170
—— scandens Benth. ...	169
Entandophragma angolense (Welw.) C. DC.	116
Epaltes garipina Steetz.	207
Eriodendron anfractuosum DC.	93
Eriosema Muxiria Bak.	140
Erythrina suberifera Welw.	137
Erythrophlaeum guineense G. Don	161
—— ordale Bolle	161
Euclea lanceolata E. Mey	210
—— pseudebenus E. Mey	211
Eugenia Jambos L.	181
—— uniflora L.	181
Euphorbia rhipsaloides Welw.	246

	Pág.
Euphorbia Tirucalli L. ...	246
—— Tukeyana Steud.	247
Fagara angolensis Engl.	107
—— macrophylla (Oliv.) Engl.	107
—— Welwitschü Engl.	107
Faroa salutaris Welw. ...	223
Faurea speciosa Welw. ...	246
Ficus Carica L.	269
—— Lucanda Welw. ...	267
—— Mucuso Welw.	268
—— ottoniaefolia Miq.	267
—— psilopoga Welw. ...	267
—— Quibeba Welw. ...	267
—— Sycomorus L.	268
—— trachyphylla Fenzl.	268
Fillaea suaveolens Guill. et Perr.	161
Funtumia africana (Benth.) Stapf.	219
Gardenia Jovis-tonantis Hiern	196
Garretia anthotheca Welw	115
Gnetum africanum Welw	275
Gossypium anomalum Wawra et Peyritsch...	99
—— arboreum L.	98
—— barbadense L.	98
—— herbaceum L.	98
—— puberulum	99
—— punctatum Schum. et Thonn. ...	99
Grangea maderaspatana Poir.	207
Grewia cafra Meisn.	106
Gynandropsis gynandra (L.) Briq.	85
—— pentaphylla DC.	85
Haronga madagascariensis Chois.	89
Harungana madagascariensis Lam.	89
Hasskarlia didymostemon Baill.	255
Heeria insignis (Del.) O. Ktze.	121
Heisteria parvifolia Sm.	117
Herminiera Elaphroxylon Guill. et Perr.	130
Hernandia beninensis Welw.	245
Hevea guianensis Aubl.	254
Hibiscus Abelmoschus L.	97
—— acetosella Welw.	97
—— calyphyllus Cav.	98
—— esculentus L. ...	96
—— Sabdariffa Fic. *non* L.	97
—— tiliaceus L.	98
Hippocratea indica Willd.	117
Hitzeria edulis Klotzsch.	110
Hydnora africana Thunb. var. longicollis Welw.	242
Indigofera Anil L.	126
—— tinctoria L. ...	126
Ipomaea Batatas (L.) Poir.	223
—— digitata L.	223
—— oleracea Welw.	229
—— paniculata	223
Jacquemontia ovalifolia Hall. f.	229
Jatropha Curcas L.	248
—— multifida L. ...	249
Jatrorrhiza Calumba Miers.	80
—— Columba Oliv.	80
—— Miersü Oliv.	80

Pág.

Jatrorrhiza palmata (Lam.) Miers 80
Kalanchoe Welwitschü Britt. 176
Khaya anthotheca (Welw.) C. DC. ... 115
Kickxia africana Benth. 219
Lagenaria vulgaris Ser.... 183
Landolphia florida Benth. 214
—— Kirkü Dyer. 216
—— owariensis P. Beauv. 212
—— Petersiana (Klotzsch) Dyer 217
Lannea antiscorbutica. ... 123
Lathyrus sativus L. 137
Leea tinctoria Lindl. 120
Lefeburea angolensis Welw. 189
Lefeburia Welwitschü Engl. 189
Linariopsis prostrata Welw. 237
Linum usitatissimum L. 107
Locellaria bauhinioides Welw. 151
Lonchocarpus Capassa Rolfe. 146
—— laxiflorus Guill. et Perr. var sericeus Oliv. 146
Lonchocarpus sericeus (Poir.) Kunth 145
Luffa aegyptiaca Mill. ... 184
—— cylindrica Roem. 184
Maba Mualala Welw. ... 211
Macaranga angolensis Müll. Arg. 255
Maclura excelsa Bur. ... 265
Mafureira oleifera Bert. 114
Mammea americana L. 90

Pág.

Mangifera indica L. 121
Manihot aipi Pohl 249
—— esculenta Crantz 249
—— Glaziovii Müll. Arg. 254
—— utilissima Pohl 249
Mavea judicialis Bert. ... 161
Melanthera Brownei Schultz Bip. 206
Melia aethiopica Welw. 113
—— Azedarach L. 114
—— Bombolo Welw..... 113
Memecylon memecyloides (Benth.) Exell. 181
—— Vogelü Naud. 181
Menispermum palmatum Lam. 80
Mezoneurum angolense Welw. 148
—— Welwitschianum Oliv. 148
Millettia drastica Welw. 129
—— nudiflora Welw. 130
—— rhodantha Baill. 130
—— speciosa Welw. 145
—— versicolor Welw. 129
Mimusops frondosa 209
Hiern 209
—— Welwitschii Engl. 209
Mitragyna macrophylla Hiern 191
Modecca lobata Jacq. ... 182
Mœrua angolensis D C. 84
Momordica Charantia L. 185
Monodora angolensis Welw. 80
—— Myristica (Gärtn.) Dun. 79
Morus excelsa Welw. ... 265

	Pág.
Morus nigra L.	266
Mucuna pruriens (L.) DC.	137
Musanga cecropioides R. Br.	271
Mussoenda erythrophylla Schum. et Thonn.	196
—— splendida Welw.	196
Muxiria utilis Welw.	140
Myrianthus arboreus P. Beauv.	270
Myriopeltis edulis Welw.	269
Myristica angolensis Welw.	244
Myrothamnus flabellifolius Welw.	177
Nauclea bracteosa Welw.	191
—— stipulosa DC.	191
Nicotiana rustica L.	231
—— Tabacum L.	231
Odina acida Fic. *non* A. Rich.	123
—— Oghigee Hook.	124
Oncoba dentata Oliv.	87
—— spinosa Forsk.	87
Oxygonum acetosella Welw.	241
Oxymitra patens Benth.	79
Ozoroa insignis Del.	121
Pachylobus edulis Don var. Mubafo (Fic.) Engler	110
Papaver somniferum L.	84
Papaya vulgaris DC.	182
Parinari capensis Harv.	176
—— Mobola Oliv.	175
Parkia biglobosa Benth.	169
—— filicoidea Welw.	169
—— intermedia Oliv. *non* Hassk.	169
—— Oliveri Macbr.	169
Pentaclethra macrophylla Benth.	168
Pentadesma butyraceum Sabine	90
Persea americana Mill.	244
—— gratissima Gaertn.	244
Peucedanum fraxinifolium Hiern	189
Phaseolus adenanthus E. Mey.	138
—— lunatus L.	138
—— Mungo L.	138
—— trilobus Ait.	138
—— vulgaris L.	138
Phyllanthus discoideus (Baill.) Müll. Arg.	247
Physalis minima L.	230
Physostigma venenosum Balf.	164
Pimpinella platyphylla Welw.	189
Piper Clusü C. DC.	242
—— guineense Schuhmach.	242
Piptadenia africana Hook. f.	170
Pisum sativum L.	137
Pleiotaxis rugosa O. Hoffm.	206
Pluchea Dioscoridis DC.	206
Plumbago zeylanica L.	207
Podocarpus Mannü Hook. f.	275
Poinciana pulcherrima L.	148
—— regia Boj.	148
Polyalthia Oliveri Engl.	79
Portulaca oleracea L.	87
Premna sp.	238
Pseudospondias microcarpa (A. Rich) Engl.	125

	Pág.
Psidium Guajava L.	180
—— littorale Raddi...	181
Psophocarpus longepedunculatus Hassk. ...	140
Psorospermum febrifugum Spach	88
Pterocarpus erinaceus Poir.	144
—— mellifer Welw.	142
—— tinctorius Welw.	143
Pteroxylon obliquum Radlk.	116
—— utile Eck. et Z.	116
Punica Granatum L. ...	181
Pycnanthus angolensis (Welw.) Exell	244
Rhizophora Mangle L.	177
—— mucronata Lam.	177
Rhus insignis Oliv.	121
Ricinodendron africanum Müll. Arg.	249
Ricinus communis L.	255
Rinorea Aucuparia O. Ktze.	85
—— dentata O. Ktze.	85
—— Molleri M. Brandt	85
—— thomensis Exell	85
Rondeletia febrifuga Afz.	191
Rubus pinnatus Willd.	176
Santiriopsis balsamifera (Oliv.) Engl.	112
—— trimera Guill.	111
Sclerocarya caffra Sonder.	125
Securidaca longipedunculata Fres.	87
Sesamum indicum DC....	234
—— orientale L. ...	234
Sideroxylon densiflorum Bak.	208
Solanum albifolium Wright	229
—— edule Schum. et Thonn.	229
—— Melongena L. var. inerme (Dun.) Hiern	229
—— nodiflorum Jacq. f.	230
—— saponaceum Welw. *non* Dun. ...	229
—— Thonningianum Jacq. f.	229
—— tinctorium Welw	230
—— tuberosum L.	230
Sorindeia trimera Oliv.	112
Spondias lutea L.	124
—— microcarpa A. Rich.	125
—— Mombin L. ...	124
—— Oghigee Don.	124
Sponia affinis Plane. ...	259
—— guineensis Schuhmach.	259
Stachytarpheta indica Vahl	238
—— jamaicensis Vahl	238
Sterculia acuminata P. Beauv.	102
—— macrocarpa Don	104
—— tomentosa Guill. et Perr.	101
—— Tragacantha Lindl.	101
Strychnos cocculoides Bak.	222
—— pungens Solereder.	222
—— Welwitschü Gilg	222

Pág.

Swartzia madagascariensis Desv. 147
Swertia stellarioides Fic. 222
Swietenia angolensis Welw. 116
Symphonia gabonensis (Vesque) Pierre 89
—— globulifera L. f. 89
Tamarindus indica L. ... 153
Tamarix articulata Vahl. 88
—— gallica L. 88
—— orientalis Forsk. 88
Tarchonanthus camphoratus L. 204
Tephrosia Vogelii Hook. f. 128
Terminalia Catappa L. ... 179
—— sericea Burch. var. angolensis Hiern 179
Tetrapleura andongensis Welw. 170
—— tetraptera (Schum.) Taub. 170
Tetrorchidium didymostemon (Baill.) Pax et K. Hoffm. 255
Thea sinensis L. 90
Theobroma Cacao L. 104
Tiliacora chrysobotrya Welw. 82
Tinnea antiscorbutica Welw. 239
Trachylobium mossambicense Klotzsch. 155
—— Hornemannianum Hayne. 155
Tragia cordifolia Benth. 257
Treculia africana Decne. 269
Trema guineense (Schuhmach.) Fic. 259

Pág.

Trichilia emetica Vahl. ... 114
—— grandifolia Oliv. 114
—— Welwitschii C. DC. 114
Trichostachys speciosa Welw. 246
Triumfetta orthacantha Welw. 106
—— rhomboidea Jacq. 106
—— semitriloba L. 106
Trochomeria macrocarpa Hook. f. var Welwitschii Cogniaux 183
—— vitifolia Hook. f. 183
Tumboa Bainesü Welw. 276
Tylophora conspicua N. E. Br. 220
Uapaca benguellensis Müll. Arg. 247
—— Kirkiana Müll. Arg. 248
Uraria picta (Jacq.) Desv 136
Urena lobata L. 96
Vernonia amygdalina Del. 204
—— Calulu Hiern. ... 204
—— conferta Benth... 204
—— senegalensis Less. 203
Vigna Catjang Walp. ... 139
—— nilotica Hook. f. 138
—— sinensis Endl. ... 139
Vitex Cienkowski Kotschy et Peyr. 238
—— cuneata Schum. et Thonn. 238
Vitis andongensis Welw. 119
—— heracleifolia Welw. 119
—— Schimperiana Fic. *non* Hochst. 119

	Pág.
Vitis vinifera L.	120
Voandzeia subterranea Thouars	139
Welwitschia mirabilis Hook. f. et Benth. ...	276
Wissadula rostrata Hook f. et Benth. ...	96
Xeropetalum cuanzensis.	104
Ximenia americana L. ...	116
Xylopia aethiopica (Dun.) A. Rich. ...	77
—— africana (Benth.) Oliv.	78
Zanthoxylum horridum Welw.	107
—— macrophyllum Oliv.	107
Zizyphus Jujuba Lam. ...	118

Lista de nomes vernáculos de plantas, portugueses ou africanos

	Pág.
Abacate ou Avacate	244
Abóbora	188
Abricot	90
Abútua	82
Acajá	124
Alcaçuz do mato	221
Alcánave	261
Alecrim das paredes	177
Algodoeiro	98
Ambaló	124
Ambulambia	89
Ambundu	164
Amendoeira da Índia	179
Amendoim	133
Amoreira ..... 265 e	266
Anato	86
Anileiro	125
Anime	155
Araçá	181
Arnoto	86
Árvore do pão	270
Ata e Ateira	75
Atropo	229
Azedas	97
—— bravas	241
Bafureira	255
Balacia	187
Bálsamo de S. Tomé	111
Baméa	128
Batata	230
—— doce	223
Belambo	111
Beldroegas	87
Belenda	191
Bembe	87
Bembi	191
Bengue	255
Bimba	130
Binda	183
Blafo atropo	229
Boasi	87
Bombardeira	219
Bombolo	113
—— ia Nputo	114
Borotuto	85
Buase	87
Bumba-riachole	183
Bumba-riala	229
Bunce	255
Bunga	245
Bungi-bungi	255
Cabaceira	91
Cabela	77
Cahembia-hembia	96
Cabilangau	161
Cabobáade	230
Cabra	259
Cabuí	88

	Pág.
Cacaueiro	104
Cachão	244
Cachinde ca menha	238
Cachinde ca ndange	177
Cadinga-puna	207
Cafequesu ou cafuquesu.	209
Cafèzeiro	197
—— da Libéria	201
Cafoto	128
Caiola camochi	136
Cajueiro	122
Calabaceira	91
Calalanza	161
Calembe	129
Calulu	204
Calumba	80
Calusange	189
—— cafeli	189
Calusangé	110
Canafístula	149
Caneleira	245
Canforeira	245
Cânhamo	259
Cano	145
Capassa	146
Capiacanca	96
Capiana	238
Capitango	258
Caquibosa	96
Cará	228
Caranga	133
Caretete	247
Carqueja	207
Carrapateiro	256
Carvalho	179
Casanção	257
Casinjantolmera	212
Cassa	165 e 244
Cassoneira	246
Catete-bula	239
Catutu	104
Caurabassa	212
Cazembi	172
Cedro	88
Celé-alé	120
Celé-celé	120
Chá	90
Chicharo	137
Chiche	101
Chipa	170
Cola congo	102
Coleira	102
Colema	146
Coloquintida	186
Copal	155
Coração da Índia	76
Coração de preto	76
Corossol	76
Cosanza	181
Cundé	139
Cuspira	170
Dendo	212
Dendo o fele	212
Dialambam	141
Dibala	255
Dibixi	87
Dilolo ambulo	76
Diluia	196
Dinhángoa	188
Disaco	207
Disanha	269
Disué	230
Ditangue	187
Ditenda	129
Diteque	86
Dongaluta	140
Dongolundo	189
Dongos	94
Dormideira	84
Ébano	141
Ecapa	224
Elemi	111

	Pág.
Emboto	210
Empebi	76
Erva de Santa Maria	240
— tostão	239
Ervilha	137
Eseré	164
Espinheiro	170
—— unha de gato.	170
Esponjeira	173
Farroba	169
Fava de Calabar	164
Fedegoso	149
Feijão	137
Feijão cutelinho	140
Fel da terra	222
Felfel-es-Sudan	78
Figueira	269
—— brava	117
Fruta do Conde	75
Fruta pão	270
Fuge	169
Fumu	232
Gamela	95
Gangi	117
Gergelim	234
Gile	82
Gofé	271
Gogó, Gogó vermelho	115
Goiabeira	180
Goqui	111
Grão de bico	136
Grão de maluco	248
Gromotu	258
Guegue	125
Guiia	176
Guimbi	114
Guro	104
Gussusu	180
Hab-el-zelim	78
Haea	206
Homoé	152

	Pág.
Hula	143 e 161
Husa	97 e 98
Igongo	129
Imbondeiro	92
Imputeiro	92
Incendeira	268
Inhé bobé	78
Inhé branco	78
Inhé preto	79
Iobó	80
Iolo	77
Isa quente	269
Jaca	270
Jamboeiro	181
Jasmineiro de África	219
—— de Cazengo	219
Jibembe	87
Jiefo ou jieso	242
Jifingo	137
Jimboa	240
Jimbundo	209
Jindondolo	229
Jindungo	230
Jindungo n'Congo	77
Jingimo	175
Jingongono	219
Jinguba	131
—— de Cambambe	139
Jinsonge	140
Jipepe	79
Jipepe do Songo	80
Jugú maué	139
Juta	106
Kino	145
Kuteera	101
Lalo	93
Laranjeiras	108
Libó	204
Licongue,	212
Liconte	92
Limoeiros	108

	Pág.
Linho	107
Linho cânhamo	259
Losna de Humpata	207
Luba ou Luva	169
Lucanda	267
Lucula	143
Lunga-lassoga	180
Mabala	140
Maboca	222
Mabuinguiri	104
Macanha	232
Maceira brava	118
Macela	207
Macongue	212
Macua	93
Macuata	157
Macundi	139
Madeat ngombe	240
Mafucarra-hóje	179
Mafumeira	93
—— encarnada	95
Mafura	114
Mafureira	114
Mafuta	115 e 236
Maioba	149
Maiolo	76
Malimboque	87
Malvas	96
Mamalongo	184
Mamoeiro	182
Mamona	256
Mamote	229
Mancarra	133
Mancone	167
Mandioca	249
Manga brava	147
Mangue branco	191
—— da praia	177
—— do monte	191
—— roxo	177
Mangueira	121
Manubi	133
Marapião	107
Masuco	248
Matatu-bonsu	217
Matêquita	188
Matire	216
Matuti	214
Mavembe	187
Maxibua	187
Mbellemob	236
Mboa	240
Mbono	256
Mbungu	216
Melão	185
Mendubi	133
—— de Angola	139
Metiana	115
Micendeira	268
Milola	98
Mirabolanos	179
Miraonde	144
Mnara	184
Moambo	190
Mobiro ou mobilo	182
Mobola ou mola	175
Mógono branco	116
Molamba	93
Molambeira	92
Molulu	203
Molungo	137 e 231
Mopané	160
Moreira	265
Morula	125
Mossambe	149
Mossué	148
Mpafu	111
Mpinda	133
Mtiri	216
Mtolia	217
Mualala	211
Muance	174

	Pág.
Muandi ou Mundim	168
Muangue	143
Muanze	170
Muave ..... 161 e	166
Mubafo	110
Mubanga	172
Mubango ..... 221 e	249
Mubango ia muchito ...	249
Mube	180
Mucaça	115
Mucage	179
Mucamba-camba	265
Mucoco	83
Mucococoto	157
Mucombé	147
Muçondo	125
Mucuso	268
Mudianhoca	150
Mudschororo	110
Mueia	179
Mu enguelecas	252
Mufufutu	174
Mufuma	93
Muginha	98
Muinge	116
Mulabi	197
Mulelame	110
Mulemba	267
Mulende	212
Mulolo	151
Mulumba	142
Mumpingué	141
Mundela	89
Mundondo	220
Mundubi	133
Mungo	190
Mungolo	110
Munguela	249
Munguenga ia muchito.	269
Munguengue	124
Mungundo	89

	Pág.
Munhanoca	149
Muondongolo	179
Mupondo	152
Mupuluca	248
Muriambambe	197
Muriangombe	84
Musacanca	151
Musalengue	238
Musanga ..... 170 e	271
Musassa	190
Musolveira	212
Musoso	170
Mussala-canjanga	219
Mussondo	125
Mussongue	173
Musubiri	270
Musuno	176
Mutala-menha ... 130 e	145
Mutala-menha cafeli ...	129
Mutamba	106
Mutete	144
Mutocuane	263
Mutondo	147
Mutoé	152
Mutuge	244
Mutune ..... 88 e	89
Mutunje	89
Mututu	104
Muxilo-xilo	238
Muxiri	140
Muzamba	153
Muzuemba	174
Muzumba	129
Muzungo	170
Nangué	104
Nara	184
Nbafo	110
Nbondo	91
Nbonzo	224
Nboto	210

	Pág.
Nbula	247
Ncedro	88
Ncoco	275
Ncumbi	115
Ndai	196
Ndendo	212
Ndungo	230
Nêspera	101
Ngaracaça	206
Ngila-sonde	144
Ngilica ia muchito	114
Ngiló	229
Ngimo	175
Nguila	236
Ngunho	117
Nhamodema	212
Nocha	175
Nonó	117
Nopa ou Nopa-concha	76
Npanda	152
Npepe	79
Npepe do Songo	80
Nxibua	187
Oala ou Oálua	141
Obá	90
Ocá	93
Ocote cocoto	157
Ocoto	236
Oguegue	117 e 124
Óleo-Barão	89
Osassa	153
Ototo grande	96
Paco	116 e 191
Paco-bala	107
Panda	151
Papaia	183
Pareira brava	82
Pateca	187
Pau azeitona	208
Pau branco	255
Pau cadeira	218
Pau cadela	95
Pau caseco	130
Pau caxique	114
Pau de capitão	258
Pau de óleo	111 e 190
Pau fede	204 e 258
Pau gamela	95
Pau mucumbi	123
Pau musence	170
Pau mutune	89
Pau ová	90
Pau preto	79 e 117
Pau quicongo	204
Pau quizemba	141
Pau sangue	89
Pau santo	141
Pepino	185
Pêssego	121
Pimenta do Congo	77
Pinheiro de S. Tomé	275
—— da Terra	275
Pitangueira	181
Poilão	93 e 95
Popiam	141
Popó	101
Purgueira	248
Quaco branco	258
Quibaba	258
—— da Queta	116
—— de Mussengue	115
—— roxa	258
Quibeba	267
Quibondo ca menha	101
—— ia molembo	101
Quibosa	106
—— caiala	98
—— ia muchito	223
Quicange	269
Quicuta	137
Quidingo-cambonge	224
Quieira	151

	Pág.
Quifuge	169
Quineira	192
Quingombó	96
—— de cheiro	97
Quinjuanjua	119
Quipuculo cafeli	204
—— puculo	221
Quisaca	252
Quisafú	86
Quisanana	106
Quisunhánga	209
Quitaba	135
Quitenda	129
Quitesse	85
Quitoco	206
Quitundo	121
Quixibua	119
Remo	78
Riamba	259
Ricanha	232
Ricota	236
Riquesú	102
Risanza	257
Rituti	214
Rocú	86
Romeira	181
Safú	110
Sage	148
Salambá	150
Sap-sap	76
Sasse	148
Sassi	248
Seca-seca	146
Sene	150
Silveira	212
Soá-soá	85
Sucupira	168
Tabaco	231
Tacula	143
—— falsa	161
Tamargueira	88
Tamarindeiro	153
Tamarindo de veludo	151
Tambo	232
Tangandando	215
Taperebá	124
Tarrafe	88
Tchingondo	129
Terra de Lemnos	93
Tesse	85
Tingingi	209
Tira-olho	247
Tombaco	232
Torta-olho	247
Tumbo	276
Tuta riambula	176
Ubá	168
Ucuba	153
Ulo	129
Umpanda	152
Umpeque	117
Uncambá-ulèmé	266
Undai	196
Unias	78
Unué bolina	79
—— branco	79
Untué do bó	78
Upá	95
Urucú	86
Utata	87
Viazi (veeazee)	224
Vielo	139
Xile	82
Xinjuanjua	119
Xipobó	80
Zenze	125

NOTA: — A grafia dos nomes africanos é, forçosamente, sónica; portanto a palavra escrita como o som foi interpretado pelo ouvinte, — português, inglês, alemão, etc. —. Acresce que há sons africanos intermédios dos nossos; *r*, *l*, e às vezes *d* confundem-se; o *N* inicial é a grafia de um som quase intraduzível.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTÂNICO

Corrigenda

Pág. 6, linha 16, «a cana do açúcar, a jinguba», e não «a cana de açúcar, a ginguba».
Pág. 18, linha 15, «caracteres», e não «carácteres».
Pág. 26, linha 13 da Nota 1, «cana do açúcar», e não «cana de açúcar».
Pág. 37, linha 1 da Nota 1 «pág. 30», e não «pág. 33».
Pág. 40, linha 11, «destros», e não «dextros».
Pág. 51, linha 14, faltou uma vírgula após «demasiadamente».
Pág. 52, linha 22, «preferiram», e não «preferira».
Pág. 65, linha 20, «correcções», e não «correcção».
Pág. 76, linha 9, «na Barra», e não «na berra».
Pág. 77, linha 22, «pouco», e não «poucos».
Pág. 89, linha 20, «non L. f.», e não «*non* L.».
Pág. 91, linha 10 da Nota 1 «fruito», e não «fruüto».
Pág. 96, linha 12, «Cahembia-henbia», e não «Cabembia-hembia».
Pág. 109, linha 23, «das *Citri*» e não «das *Citris*».
Pág. 115, linha 22, «*mucaça* ou *ncumbi*», e não «*mucaça oe ncumbi*».
Pág. 134, linha 2 da Nota 1 «*jinguba*», e não «*ginguba*».
Pág. 138, antepenúltima linha acrescentar a «Hook. fil. «in Fl. Nigr. 311»
Pág. 160, linha 3, «Guerra da Secessão», e não «Guerra de Sucessão».
Pág. 181, linha 13, acrescentar a «in Hook. Fl. of». «Tr. Afr».
Pág. 192, linha 4 da Nota 1,«*succirubra*», e não «suecirubra».
Pág. 228, linha 10, «quiquoa», e não «quiquo».
Pág. 234, linha 20, «racionais», e não «recionais».
Pág. 249, linha 9, «*Whitei*», e não «*Whiteü*».
Pág. 256, linha 33, xixi (nome grego).
Pág. 258, linha 3, «*Henriquesii*» «*Soyauxii*», e não «*Henriquesü* e *Soyauxü*».
Pág. 258, linha 1 da Nota 2 «*Prantlii*» e não «*Prantlü*» e na linha 2 «*Wightii*», e não «*Wightü*»; bem como «Soc. Brot.», e não «Soc. Boot».
Pág. 261, linha 26, «*eram*», e não «*era*».
Pág. 265, linha 13, «persuasão», e não «persuassão».
Pág. 269, linha 14, *Welwitschii*, e não *Welwitschü*.
Pág. 270, linha 11, «*A. integrifolia*», e não «*Aintegrifolia*».
Pág. 271, linha 11, *cecropioides*, e não *cecropiosides*.

Além de outras pequenas faltas, principalmente de acentuação ou de troca de tipo, fáceis de emendar.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTÂNICO

Êste livro, realizado pela Ática S. A. R. L., Rua das Chagas, 23 a 27, Lisboa, foi composto e impresso durante o mês de Dezembro de 1947

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTÂNICO

302
1/2

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
Departamento de Botânica
132253833X